

EX-LIBRIS



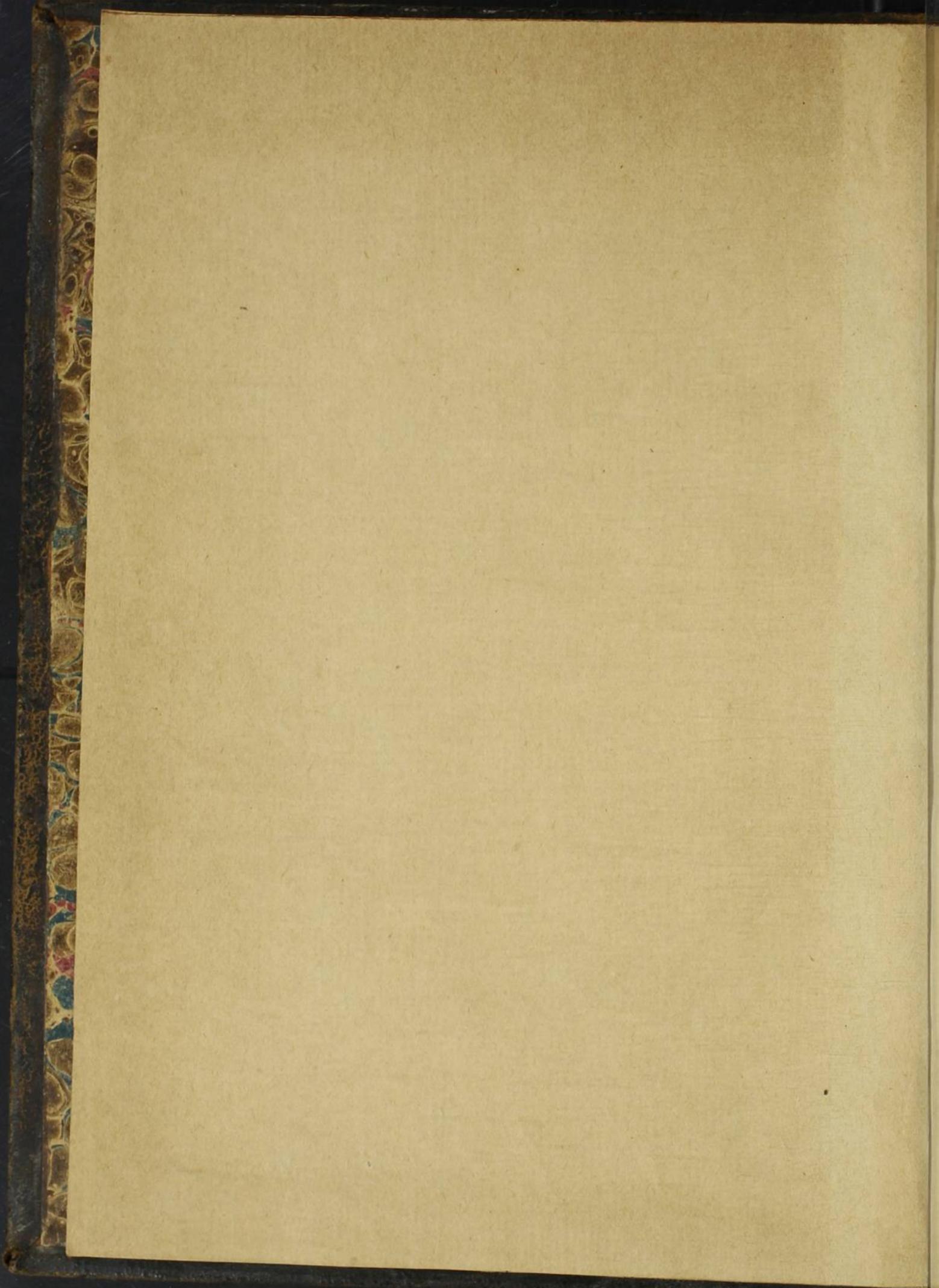
BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

RK 66

W.





Cabral 441

Sacramento Blake (vol. 3, p. 401) diz que
o autor é João da Costa Ferreira "presbi-
tero secular, si não nasceu no Brasil,
como fui informado, devo considerá-lo
como brasileiro, por que viveu no imperio
na época e depois da independência".

POEZIAS

DE

DOUS AMIGOS.

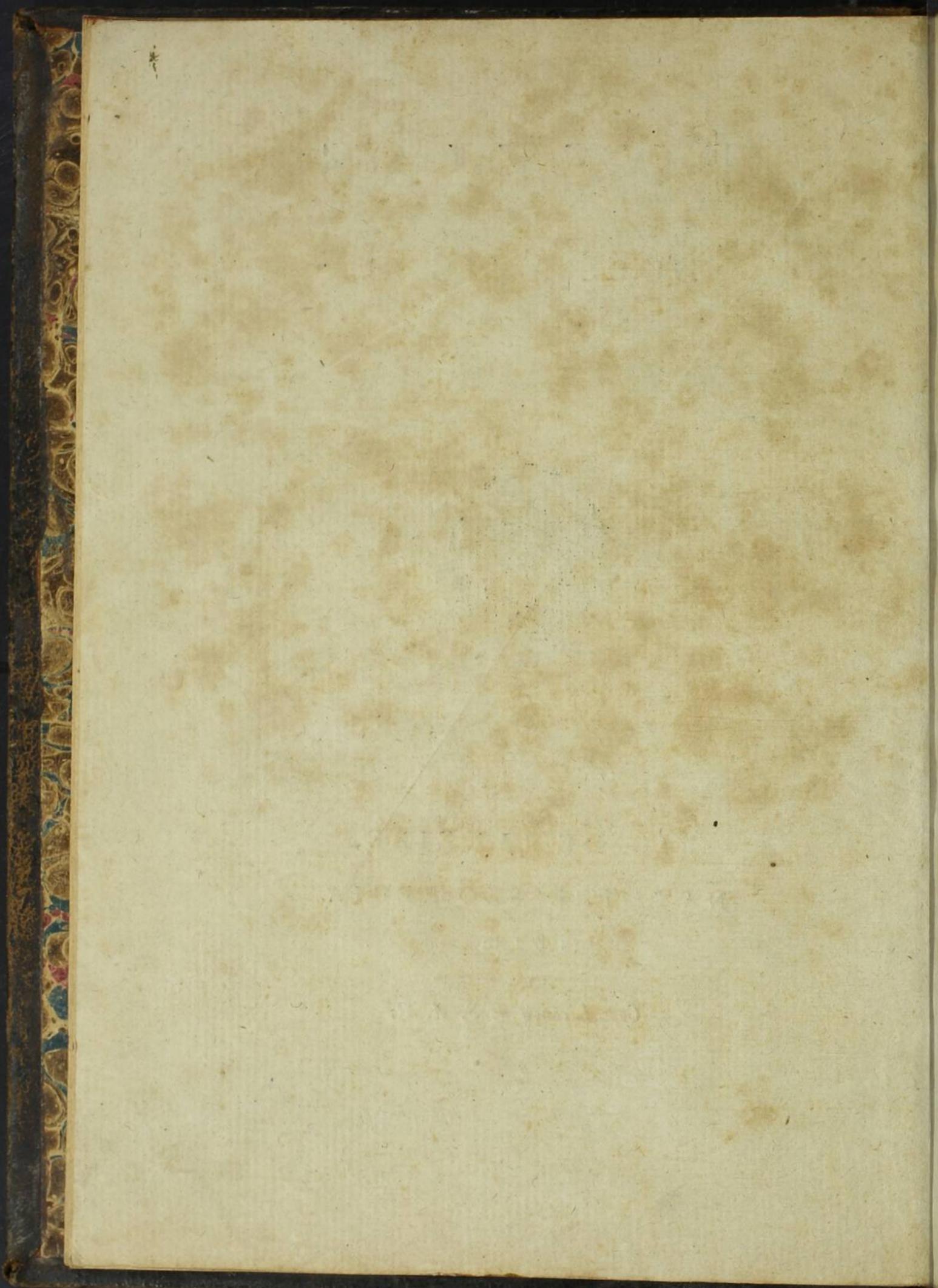


RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

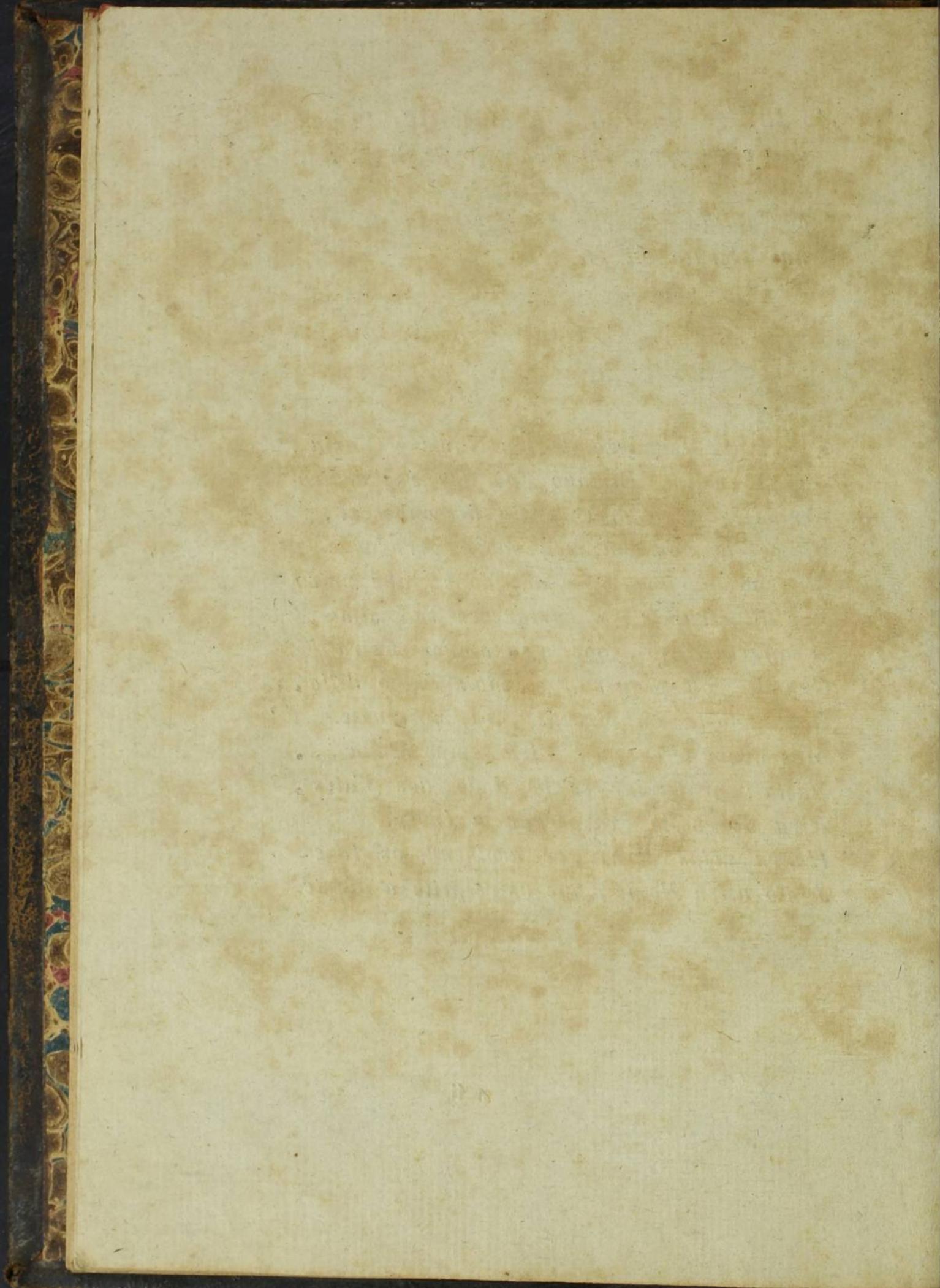
1816.

Com Licença de S. A. R.



Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r D. Manoel de Portugal e Castro, Do Concelho de S. A. R., e do da Sua Real Fazenda; Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes &c. &c. &c.

NÃO á Grandeza de teu Nome e Gloria,
Ao que vales, Elmano, ao que és; dedico
Versos, que a dependencia desconhecem,
Filhos do gosto a meu sabôr gerados;
Mas ao Merito só, e aos dons, que prizo
Ver illustrar-te, e enriquecer tua alma,
A offerta faço, que a qualquer fizera
Grande, ou pequeno, se mais digno della,
Ganhando-te em virtudes, se mostrasse.
Mas quem te excede? Virá tempo ainda . . .
Basta: profetizar se he dado aos Vates,
Rira do ensejo exasperada a Inveja.
Honra meus versos, e acolhendo-os faze
Junto a teu Nome, que os respeite a Morte.



ADVERTENCIA A QUEM LER.

SÃO de dous Amigos os versos contidos neste pequeno Volume. Não foi alcançar gloria o fim da sua publicação, mas ceder á Amizade, que assim o exigiu. Se tiverem a fortuna de agradar, agradará isto muito aos seus Autores, que amarão sempre como Pais a boa ventura de seus filhos. Os que vão marcados com huma estrelinha pertencem a hum, e os que vão sem ella pertencem a outro.

ALPHABETICA A QUINQUE



* ODE PINDARICA.

Si quæret, Pater urbium
 Subscrivi statuis, indomitam audeat
 Refrænare Licentiam
 Clarus post genitis . . .

Horat. Od. 24. L. 3.

ESTROFE 1.^a

MAis ao furor do Tempo,
 Que opprobrios marque, e horrores memorêe
 A' Leza Humanidade,
 Eis sagra a Tirannia
 Assoberbado ob'lisco. (1)
 Mais outro monumento eis surge ao dia,
 Quais diz a Antiguidade,
 Que em Grecia, Egipto, e em Roma alevantara
 Orgulho vão, que os povos assolara.

(1) O Investigador Portuguez em Inglaterra no Jornal de Julho de 1813 deu-nos a noticia do Obelisco, que na Sumidade do Monte Cenis decretou Bonaparte, que se levantasse, e para o qual se destinava huma somma consideravel de dinheiro. E esta noticia foi, a que suscitou o estro para a construcção da presente Ode.

ANTISTROFE 1.^a

Quantos já vejo sobre o Sena ovante ,
 Olhos fitos na gloria ,
 Cisnes á pressa adereçando Estadios
 A mentiroza Historia ,
 Sobre teus hombros , ó Cenís , treparem ,
 E ali do erguido cume
 Ao Mundo em novos himnos proclamarem
 Da obra a par , quem a dictou , por Nume !

EPODO 1.^o

Tanto já Memfis vira ,
 Quando dos Reis escrava ,
 Do Despotismo em ira
 O mando abençoava.
 Assim huma obra erguia
 De esmalte , e cunho novo ,
 Que mais tormento ao povo ,
 Que gosto , e gloria dava.

ESTROFE 2.^a

Porém que voz escuto !
 He da Justiça a voz , que diz seus fados :
 „ As paginas fulgentes
 Da imparcial Historia
 A tanto crime , e horrores
 Em seus annais denegaráõ memoria.
 E se agora inscientes
 Da infamia , que nesta obra lhes preparão
 Os illudidos povos não reparão :

ANTISTROFE 2.^a

Virás , Posteridade ! e então fitando
 Em distico altaneiro
 Os olhos , que a esse tempo já não cega
 D'errores nevoeiro :
 „ Aquein se ergueu , perguntareis , esta obra ?
 „ Que bens , que gloria encerra ?
 „ Aqui . . . apenas nossa infamia sobra . . . „
 E então de pejo a lançareis por terra.

EPODO 2.^a

Qu'he da caterva d'himnos ?
 Qu'he dos rivaes do Ismeno ?
 Porque não erão dinos ,
 Mirrados , quanto o feno ,
 Do Lettes submergidos
 Nas ribas d'atra morte ,
 Sobem do Scopo a Sorte ,
 Seguem do Heroe o aceno.

ESTROFE 3.^a

Foi-se o collosso altivo ,
 Qual o que vira em decifrado Sonho
 O Babilonio Nume.
 Quam inclita vereda ,
 Que o alce á gloria , segue ,
 Quem por seu genio , e por talentos veda ,
 Como Febeio Lume ,
 Que em erros se sepulte a Humanidade ,
 E que transtorne o crime a Sociedade !

ANTISTROFE 3.^a

Salve, Solon! que eterno monumento,
 Mais do que o bronze duro,
 Para ti, para os teus erguer soubeste,
 Ainda em Fado obscuro!

Salve, Licurgo! Aristides! que honrando
 A augusta Sapiencia,
 D'homens ganhastes entre inquieto bando
 Plantar Virtude, Amor, Beneficencia!

EPODO 3.^o

Por estes he que em Dirce
 D'himnos tropel brilhante
 Por Delio sopra, a rir-se
 Do Tempo, e Morte, ovante,
 Surge ao fagueiro dia;
 E entrando no Futuro,
 De seu durar seguro,
 Tem hum valor constante.

ESTROFE 4.^a

Mas onde te levavas,
 O' Muza! quando vivida estreimando
 Da bruta, e falsa Gloria
 A Gloria verdadeira,
 Trepavas do Permesseo
 Com passo novo a ingreme ladeira?
 Qual teu fito, ó memoria?
 Qual teu empenho, ó minha fantazia?
 Eis... eis declaro o que dizer queria.

Tinha-te em vista , ó Conde (1), e ao pensamento
 Quando soltei as vellas
 Intentando mostrar , que a ti cabia
 O empenho de acções bellas ,
 Pois que adictas a hum Principe Excellente ,
 De quem se occupa a Fama ,
 Que a baze firma a Imperio permanente ,
 Que he tanto amado , quanto a todos ama :

E P O D O 4.^o

Mais que em padrões , lhe digas ,
 Que a sua Gloria dura ,
 Desque reunindo amigas ,
 Com Protecção segura ,
 As Artes , e as Sciencias ,
 Plantando são costumes ,
 As Leis , dos Povos lumes ,
 Derem justiça pura. (2)

B ii

(1) Entende-se o Excellentissimo Senhor Marquez de Aguiar , então Conde , a quem foi offerecida esta Ode.

(2) Apesar do — *Quid leges sine moribus vanæ proficiunt* — eu estou , que da boa , ou má Legislação he que dependem os bons ou maos costumes ; porque as Leis são as regras das acções dos Cidadãos , e as acções reiteradas por tal , ou qual rotina , fazem os costumes. Boas por consequencia , e bem mantidas as Leis , bons pela mesma razão , e bem mantidos os costumes. Feita a legislação , deve-se ao vigor de a não alterar

De teu saber a esfera,
 Mais do que digo, revolvendo facil,
 Bem vê quanto he prestante
 No Imperio, que se fórma,
 Que reja, e tenha o povo
 De Sabias Leis inalteravel norma:
 Tolhera-se o diamante,
 Que a par do Sol para brilhar nascido,
 Este brilho não dá por mal polido.

por nenhum arbitrio Soberano o bom Regulamento das Sociedades; porque o particular de qualquer ordem, que seja, sabendo, que será indefectivelmente punido de tal, ou qual fórma segundo o seu attentado contra a Lei, e da mesma fórma premeado segundo a maneira, porque tiver concorrido para o amelhoramento Social, empenhar-se-ha naturalmente em fazer o maior bem possivel, e evitar o menor mal. Talvez verificando estas maximas de bom Legislador, mereceria Augusto da penna de Horacio estes louvores não exagerados =

. et ordinem
 Rectum, et vaganti froena licentiæ
 Injecit: amovitque culpas,
 Et veteres revocavit artes,
 Per quas latinum nomen, et Italæ
 Crevere vires, fama que, et imperi
 Porrecta majestas ad ortum
 Solis ab Hesperio cubili.

Lib. 4. Od. 15.

ANTISTROFE 5.^a

São das Leis companheiras as Sciencias,
 E as Artes luminosas:
 Assim Thebas se ergueo, a Avó de todas,
 Tiro, Athenas famozas.
 Que bens, ó venturoza Humanidade!
 Brazil, que gloria a tua!..
 Tanto agoura de hum Conde a probidade,
 Que por honrar-te só trabalha, e súa.

E P O D O 5.^o

Dest'arte a Patria alçando
 Ao cume d'alta gloria,
 Ao Principe hirás dando,
 Bem como a ti memoria.
 Principios o annuncião,
 Que fins iguaes prescrevem;
 Eis os Padrões, que devem
 Sagar-se á clara Historia.

* SONETO.

E Ntre os Heroes , que o Templo da Memoria
 Lustrão , e esmaltão , de trofeos cercados ,
 Em trajos d'Immortal auribordados
 Hum mais que todos se avantaja em gloria.

Tem a hum dos lados esculpida a Historia
 Dos raros feitos só por elle obrados ;
 E tem ao outro em circulos dourados
 Letreiros trez , e em cada hum = Victoria = (1)

Tal és Lord Immortal , a quem contemplo
 D' Heroismo , e Gloria adereçando as arás ,
 De que se ufana da Memoria o Templo.

Salve , Heroe , que de Lizia a Sorte aclarás !
 Que dando ao Mundo de valor exemplo ,
 „ Juntas ao teu valor virtudes raras. „

(1) Allude ás trez Victorias alcançadas em Portugal sobre os Francezes no Vimeiro , Porto , e Linhas de Lisboa.

* SONETO.

Que além de não gozar-te inda o meu Fado
 Te roube aos olhos meus, porque em mais ancia
 Dos teus, ó Lilia, em barbara distancia
 Veja o meu coração dezesperado. !

Tiranna vida ! instante dezastrado,
 Em que eu dos vivos avistei a estancia !
 Tiranna vida ! o fructo da constancia
 Já para te soffer sinto engelhado.

Já não cabe em meu peito hum mal tão forte :
 Perdida a paz, perdida a paciencia,
 Em tanto mal não sei, que me conforte.

Ah ! minha Lilia ! que cruel auzencia !
 Sem ti . . . á vida . . . eu anteponho a morte :
 Sem ti he morte a insipida existencia. ,,

MADRIGAL.

NU' hum limpido regato , que corria
Atravez de hum Jardim de lindas flores ,
Marcia bella se via.

„ Sou linda , sou gentil , como os amores ;
(Comsigo mormurava)

„ A Natureza! em mim pôz seus primores ,
„ Quando me debuxava. „

Jozino , que escondido esteve ouvindo

Esta vaidosa falla ,

Lhe diz = Que és bella , ó Marcia , assás conheces ;
Mas seria melhor , que o não soubesses.

Ao Illustrissimo ; e Excellentissimo Senhor

O D E.

GEnios Sublimes , transmittindo ás eras

Em Permanentes Fastos ,

Que bronzes , que piramides affrontão ,

Façanhas assombrozas ,

Tem colocado no Sidéreo Assento ,

Com renome d'Heroes , Sanguineos monstros.

Ah ! como se ressentente a Humanidade!

Como avesso á carnagem ,

Arranca o Sabio fervidos suspiros ,

Se no Alcaçar da Gloria

Feroz valor , com trajos d' Heroismo ,

Hum Alexandre mostra a par de hum Tito !!

Quando de Arbellas se remonta aos Campos
 Medrozo o Pensamento,
 Que sanguinoza Scena se me antolha!
 Que matança, que horrores!!
 O Heroe da Macedonia, o Assombro da Azia,
 Tigre faminto só rancor me inspira.

Mas quando exclama Imperador clemente,
 Que perdêra esse dia,
 Em que nenhum Vassallo afortunara...
 Que saudoza memoria
 Desperta na minha alma!... Extaziado
 A bemfazeja mão bejar-lhe anhelou.

A vereda, que atinge á vera Gloria,
 Não he regada em Sangue:
 Encoistados sómente á saã virtude,
 (Virtude, que honra os homens,)
 He, que seu cume esplendido remontão
 Entes, que os Deozes na bondade imitão.

Aras na Gratidão alicerçadas,
 Melhor que em rija pedra,
 Votão sensiveis corações áquelles,
 Que rivaes d'altos Numes,
 Teus augustos Pendões desenrolando,
 Pugnão por ti, Filantropia Sancta.

Dest' arte no aureo Templo da Memoria,
 Com jus aberto a poucos,
 Tens indelevel monumento eterno,
 Que te erige a Justiça,
 Benefício A Alma prestante,
 Que amas os homens, prefferindo os Sabios,

Eu mesmo, eu mesmo, a quem mesquinho Fado
 Aguçando os dezares,
 Sem nome tinha misturado ao vulgo,
 Por teu braço potente
 Fui d'entre ignobil pó á luz erguido:
 Por ti prestei em Paz, e em Guerra á Patria.

Mas a ambição de gloria, que fervia
 No meu peito arrojado,
 Os dezejós levando além da meta,
 Despenhou a esperança:
 Minha ventura foi qual luz de raio,
 E cercão-me outra vez medonhas trevas.

Magra indigencia me ladêa agora:
 Em vão tento escapar-lhe:
 Em vão imploro inefficaz auxilio
 Da augusta Sapiencia:
 Definha-se o talento, á mingua murcha;
 E o Genio creador languido expira.

Ah! venha pois o fecundante orvalho
 Da tua alta valia
 Tornar viçosa a planta, que acurvação.
 Tufões enfurecidos:
 Postada a abrigo da voraz procella,
 Não tardia dará vingados fructos.

Em tanto d'alma a Gratidão desprenda
 (E o mundo inteiro o saiba)
 Esta sincera confissão, que toca
 Só spiritos sublimes =
 „ Aquelle, que me honrou na Patria chara,
 „ Longe da Patria afortunar-me soube. „

MADRIGAL.

C' Huma encarnada roza
 Jonia brincava hum dia,
 E porque a fere espinho, que não via,
 Eis que a piza raivoza.
 Então no lindo pé cravando o espinho
 Exclama suspirando =
 „ Ah! flor traidora, que me estás lembrando
 „ O meu fado mesquinho.
 „ Assim fiz ao meu bem, quando offendida
 „ Julgava, que o punia, e fui punida. „

* SONETO.

POIS me denega meu Destino injusto
Satisfazer o sofrego dezejo
De ver-te, ó Lilia, e de imprimir-te hum beijo
Na rózea face, que esvaece o susto:

A ti mandando o pensamento augusto
De donde estou por te encontrar forcejo;
E assim mil vezes junto a ti me vejo,
E assim contigo a conversar me ajusto.

Quanto me inflamo! quanto digo, e faço! . . .
Sou a teu lado o Rei da Natureza,
E novos Ceos, e novos Mundos traço,

Oh! alto dom da fantazia acceza!
De ti auzente eis como me delasso.
D'agra saudade, da roaz tristeza.

* SONETO. (1)

„ **S**ERA', será, qual sou : premêa hum Nume
 „ Dignos mortaes com immortal renome :
 „ Novo Marte será, que a furia dome
 „ Ao louco, ao vil, que ser-me igual presume.

„ Se, elevado atéqui da gloria ao cume,
 „ Da França o monstro dilatou seu nome,
 „ Maior' em gloria Wellington assume,
 „ Raio da guerra, e da justiça lume. „

„ Tal Marte o ordena, o Deus, que furibundo
 „ Nas mãos lhe mete as palmas da Victoria
 „ Sobre o Tiranno, em illudir fecundo :

„ E em tanto a Fama grite em clara Historia.
 „ Eis o digno Mortal, por quem no Mundo
 „ Dos Luzos, e Bretões triunfa a gloria. „

(1) He Marte quem falla em todo o Soneto.

Ao Illustrissimo Senhor . . .

* O D E.

„ QUEM és, que o braço de hum punhal armado,
 „ Roupas de luto, descomposta a frente,
 „ Medo espalhando do envesgado aspecto,
 „ A meus olhos te off'reces? =

„ Sou quem teus dias ennegrece, e opprime,
 „ Tua Desgraça (diz), a que he baldado
 „ Merito, e Honra por Egida oppores,
 „ Talentos, nem Virtude.

„ Cinco atingias bem passados lustros,
 „ Quando do Fado á voz surgi do Abismo:
 „ Tal era o termo, que marcado estava . . .
 „ E desde então segui-te.

„ Mirrarás, infeliz! e sem ver nunca
 „ D'alma Fortuna acarinhar-te hum rizo,
 „ Aqui mesmo onde a buscas, aqui mesmo
 „ Finarás na Indigencia. „

= Ceos! na Indigencia! (clamo então) e he este.
 O digno premio, o galardão do justo?
 Amizade! onde estás? Se os Ceos me opprimem,
 Não me vale a Amizade? =

Nisto fulguras, Generozo M. . . ,
 E á luz immensa, que de ti se espalha,
 Pavido o monstro quer fogir, mas prende-o
 Teu portentozo brado.

„ Não (tu lhe tornas) não será qual dizes ,
 „ Que o meu com teu poder medindo em força ,
 „ Sobejo na Fortuna , e posso , e quero
 „ Da Indigencia salva-lo. „

Tomas-me o braço então ; cinges-me ao peito :
 Some-se o monstro : extaziado accordo :
 E pois que vejo realizado o Sonho ,
 Nos sons da Lira de ouro

Monumento ao teu Nome hoje levanto ,
 Que os Séculos transpondo , o Olvido , a Morte ,
 Instrua a Humanidade , que existiras ,
 Honras-te , e foste honrado.

* EPIGRAMA.

„ **N**UNCA gostei de Epigrammas ,
 „ Se elles não tem muito sal. „
 (Dizia certo Poeta
 A outro de officio tal.)

„ Não tem razão (diz hum velho ,
 Que alli se achava ao pé d'elle)
 „ Esse comer tão salgado
 „ Foi sempre damnozo á pele. „

* SONETO.

TU, que em dominio Magestozo abranges,
 Quanto abrange, e rodeia o mar salgado;
 Manancial d'Heroes! Tejo sagrado! . . .
 Tal te annuncia, e te sauda o Ganges.

Já não tens que temer de hostis falanges
 Quaesquer, que possa oppor-te em campo armado
 O Galo atterrador, o Galo irado,
 A quem, já a muito, a trepidar constranges.

Jove dos Luzos proclamou-se Esteio.
 E a Fama já, qual horrida procella,
 Se diz, que ao Corso annuncia-lo veio.

Estremece o Tiranno, e a morte anhela,
 E ao ve-lo estremecer de angustia cheio,
 „ Turva-se o Sena, e de pavor congela. „

* SONETO.

EMbora Galia do terror nas azas,
 Dobrar-te o collo, Portugal, tentara;
 Que empreza fora de ultimar-se rara
 Ao bellico furor, em que te abrazas.

Tu, que Mombaça, e que Dabul arrazas,
 Trepidarias tu, do que ella ouzara?
 Oh' Patria minha! á Gloria sempre cara,
 Convém, que intrépida entre a guerra jazas.

A' Guerra, á Gloria! . . . E os olhos fitos nella,
 Que te mostra o Pendão da Independencia,
 Tal voz lhe envia de ti digna, e della. =

„ Se Lizia nuta em Marcial pendencia . . .
 „ O' alma Gloria, sobre os Luzos véla,
 = „ Sem Gloria he morte a ignobil existencia. „ =

Aos annos do Illustrissimo Senhor

DITHYRAMBO.

QUE retumbante Scena eþri-festiva,
 Amigos, se prepara
 Em obzequio do dia Natalicio
 Do abstemio Collega, o bom F. . . !!
 Já vem, já vem chegando
 A' magnifica Meza
 Lardeados capões de côr dourada,
 E vermelho prezunto,
 Que, nutrido na minha cara Patria,
 Transpôz o largo Oceano,
 E vem saborear nossos padares!
 Que falta, Amigos, que falta
 Para haver prazer eximio?
 Vem, ó doce Leneu, subitamente;
 Evoé, vem, ó Bacho,
 Vem, ó Pay dos prazeres, da alegria
 A fecundar nos nossos ferteis peitos
 Grossas vergonteas de nascentes rizos.
 Ao cheiro estimulante
 Das ardentes subtis especearias
 Ressecção-se-me as fauces.
 Nos redondos estojos
 Salta fumando o roxeado çumo
 Do alto Douro,
 Da Madeira,
 De Setubal,
 De Champagne,
 Carcavellos,

Pico , e Chipre ,
 Onde o imberbe Leneu seus bens prodíga.
 Da taça bachi-plena
 Aos limpidos cristaes em largo chorro
 Micante licor dêscã.

Eis empunho a maior , a mais bojuda ,
 E de hum só golpe sem parar a impino.
 Ei-la , Amigos , sem gota . . .

Meu sangue entorpecido
 C' o crebro embate de revezes duros ,
 Corre tranquilo nas callozas veias ,
 E reziste aos estímulos possantes ,
 Com que o Deus dos prazeres o esporea . . .
 Em tão faustozo dia
 Não ficarei por certo submergido
 Nesta morna indolencia.

De espumante licor venha outra taça ,
 Larga , e bojuda ,
 Cheia , e bem cheia ,
 Que transborde , e salte ,
 Que brinque , que cheire ,
 Que a vista me encante ,
 Que o gosto me pique ,
 Que as veias me escale ,
 Que a mente me accenda ,
 Me saccuda o sangue ,
 E correndo em tropel meus membros todòs
 Me agite a fantazia em varios modos.
 Ei-la , ei-la de hum sôrvo
 No sequiozo estomago entornada . . .

Agora sim, Amigos,
 Que a lassa natureza me remoça;
 Meus musculos se agitão;
 Fogo divino a mente me escandece;
 Calor inuzitado,
 Que este meu peito aquece,
 Com furor desmarcado
 Faz rebentar em turbilhões os himnos
 De hum tal dia só dinos.

Prezida o Vencedor do Indo, e Ganges
 A' festival concorde companhia;
 E o folheado Thirso meneando
 Sizudo enjão para longe espanque.

 Ah! bebamos todos
 Nossas taças cheias
 Deste roxo çumo,
 Cujó activo fumo
 O Cerebro aquece,
 O Sabio enlouquece,
 Faz prodigo o avaro,
 O triste contente,
 O fraco valente,

E amacia das Ninfas a esquivança
 A' lasciva esperança.

 Vede, Amigos, vazia
 A grande taça, que empunhei sedento;
 E mais, e mais se ateia
 O calor, que as entranhas me afogueia.
 Ah! quem me dera agora
 Nadar em vinho, submergir-me em vinho,
 E que como do monte se dezata

Sussurrante cascata

Na terra sequioza,

Assim de mil toneis a grossa enchente
Em fortes borbulhões sobre mim caia,
Que setibundo a boca escancarando
No lago immenso de meu peito arfando,
Das pipas, e toneis de todo o mundo
Venha a ser hum depozito sem fundo:
Mais vinho conterei no seio insano,
Do que tem agoa o tumido Oceano.

Neste momento hum rabido transporte
Me sacode as entranhas escaldadas . . .
Que portentozas forças se diffundem
Pelos meus membros atéqui tardios! . . .
Os Deozes, Semideozes, e Gigantes
Chamo a duello, campeão valente.

Venha o Deus dos combates . . .
Ei-lo de hum golpe baqueando em terra,
E ao som estrepitozo
O Britano, e Francez ficou medrozo!! . . .

Venha agora Vulcano;
Cessem fadigas na lidada Lemnos . . .
Mas eis a linda Venus
Me vem pedir fagueira,
Que meu valor não queira
Ensaïar contra o coxo, que a prudencia,
Ha muito, costumou a ter paciencia;
E se nestes cobardes
Empregasse os meus golpes iracundo
Teria de brigar com meio mundo.

Chegue-se o Deus Neptuno : . . .
 Do Tridente a despeito
 Nos meus rabidos braços esmagado
 Pela boca lhe sahe do seio enorme
 O undozo mar salgado . . .
 Ai! que me afogo n'hum immensa enchente. . .
 Accuda, accuda gente,
 Que Neptuno tiranno
 Me sepulta no fundo do Occeano.
 Eu morro sem remedio . . .
 Adeus, adeus, Amigos . . . Mas que he isto?
 Em torno a mim hum mar de roxo çumo,
 Que redundou no estomago affanado,
 Inda diffunde embalsamado fumo?
 Ainda me convida
 A' teimoza bebida
 De hum odre inteiro de Champanhe, ou Douro?
 Mas ah! que com desdouro
 Da minha bachanal capacidade
 Succumbi a esta forte tempestade.
 Não posso mais, não posso . . .
 Abre-se a boca, os membros se esperguição,
 Hum suave torpor me embarga o sangue;
 A mente fatigada
 Faz treguas co' a esquentada fantazia;
 O Somno me domina . . .
 Adeus, meus Companheiros . . .
 Ah! queira o Ceo, que eu passe annos inteiros
 Dormindo, ou embriagado,
 Que he quando zombo do meu duro Fado.

SONETO.

OS improperios todos se esgotavão,
 Termos de açogue, frases atrevidas
 Em quatorze regrinhas mal medidas,
 Que na Rima o Soneto arremedavão.

Ao bachanal Doutor os vivos davão
 Iguaes em letras, Socios nas bebidas,
 Quando lhas leu com pausas repetidas
 Na Taverna onde o Conclave formavão.

„ Alambicaste as pulhas de Arrieiro ;
 (Cambaleando hum delles lhe dizia)
 „ Mas = bebedo = ficou-te no tinteiro, „

Oh! isso não ; (o Mestre respondia)
 „ Porque não quero honrar hum tal brejeiro
 „ C' o titulo da nossa Confraria. „

* SONETO.

SUspirando por ver-te... em fim marcado
 Tinha o Destino certo ponto, e dia,
 Em que meu gosto ao cumulo seria
 Dos gostos, dos prazeres elevado.

Este, H... fulge: e pois me he dado
 Nos extasis da acceza fantazia
 Himnos tecer d'angélica harmonia
 Para exaltar o merito illustrado:

Tu de meu Estro favorece o arrojo:
 Benigna acolhe os versos, que te faço,
 Do Olvido, e Tempo a desprazer, e a nojo.

Nelles teus annos co'a Memoria enlaço:
 Já, já do Lettes não serás despojo:
 Serão teu par a Eternidade, o Espaço.

*Aos annos da Illustrissima, e Excellentissima
 Senhora D. M. H. J. &c.*

Aos annos de . . .

* O D E.

Espivitava a luz , e arregaçado
Tornava-me ao Rapé , Clio invocando ,
Quando de salto pela escada trepão
Polixena , e Narciza.

Bravo ! que he isto ? Sentem-se : das Muzas
Singular favorito hoje me vejo :
Nunca tão prestes , seu favor pedindo ,
As vi galardoar-me.

Eia ! de Anfriza pois que fulge o Dia ,
Elmanno se saude , que em seus braços
Colhendo gostos , que envejara Jove
Mortal se vê ditozo.

Nada de guerras , que seu canto odeio .
Entreter-me de Amor eis só meu fito :
Amor . . . E neste instante que nos véda
Saudar-mo-lo com brindes ?

Domingos , traze duas das que o Douro ,
Por confundir a Gente perguiçoza ,
Que de Bacho não cuida , dá por mimo
Aos alumnos de Bacho.

Que mais nobre motivo , que mais digno
Incentivo a beber , que Elmano , e Anfriza ?
Esta no seu Natal brindando aquelle ,
E este abraçando-a a ella . . .

Voltais o rosto? Avermelhais, Madamas?
 Fingimento feliz! Amigo, he este
 O modo (em bem me lembra) com que fogõs
 Me inspirava Natercia.

Onde está esta? Da travessa Mana,
 Nitidos olhos, grinaldada a frente,
 Veio furtada ao Argos, que a subnega,
 Festejar os seus annos?

Serie de gostos desfructando outrora
 Fui companheiro teu, e fiz proezas;
 Mas hoje resfriado he raro quando,
 Do que passou, me lembro.

Inda comtudo a vaga fantazia,
 Memoria terna me rescalda ás vezes;
 E inda a teu par ás vezes me supponho
 Esgrimidor d'Espada.

E quem sou hoje? Affirmem-no estas Moças,
 Que vendo-me escrever apressurado,
 Athleta de Amanhunta inda me julgão...
 (Tanto o objecto me inspira!)

Alto, Madamas!... Copos cheios: vá:
 Que viva Anfriza, grite-se = Evoé =
 Que em posse della viva Elmano lá,
 Quanto viveu Noé. =

Amen. Tais são meus votos, e outros tantos
 Façam por mim os meus fieis Amigos,
 Quando Lilia gentil contar seus annos,
 E eu que a cinja a meu peito.

* MADRIGAL.

NOvos suspiros dados
 Derão Natércia , nova vida a esta alma :
 Venceste : captivaste-me : e de novo
 Sobre minha izenção levaste a palma.

Sou , sou teu , não duvides ;
 Mas se acaso em teu gosto houver mudança ,
 Que fôra pérfida , e infiel Natércia
 Ao mundo clamarei , que em furia accezo ,
 Vingando-me do mal , que me fizeres ,
 O meu mal pagará c'ô teu desprezo ,
 Affronta das Mulheres.

A Senhora D. M. L. S.

O D E S A P H I C A .

QUando nas veias sangue audaz corria
 Lá de meus annos no verdôr , no viço ,
 A' fertil mente gratos himnos dava
 Delfico influxo.

Mais de seis Lustrros , que já tem passado
 Apôz a Aurora , que primeira eu vira ;
 Vida affanoza , de tropeços cheia ;
 Rispidos Fados ,

Pouco vingadas engelhárão prestes
 Almas ideias , producção dos Numes ,
 E ao vate novo , que grimpava ao Pindo ,
 Cortão-lhe os vôos.

Assim desmaia defecada planta,
 A quem, em vez de viração macia,
 Euro invernozo ressecou, e ainda
 Rabido açoita.

Já tarde, Armia, o bemfazejo orvalho
 De tuas doces expressões mimosas,
 Que em meu louvor, não merecido, soltas,
 Prodiga em graças,

Cahe no já fraco ressequido tronco,
 Que definhara, contumaz procella,
 E que acurvado da Desgraça ao pezo
 Languido morre.

Ah! se no tempo, em que as paixões pulavão
 N'hum coração, que socegarão annos,
 Meu Estro ouzado bafejasse Amiga,
 Mellica Sapho;

Se desde a infancia me sorrisse o Fado,
 Pondo-nos pares em sentir, e em Patria;
 De ambos no ouvido ressoando mutuo,
 Metrico accento:

Eu branco Cisne, transporia as nuvens;
 E, estimulado meu valente adejo,
 Desprenderia, sobranceiro a tudo,
 Fervido Canto.

Mas hoje, Armia, que as paixões, e o Sangue
 Tregos fizeram, sem pedir-me o voto,
 Vendo elevar-te, só prestar-te posso
 Gélido pasmo.

Deixa pois hoje , que tranquilo eu veja ,
Como firmada em duradouras pennas ,
Ganhas o Cume do Apollineo Monte ,
Rapida , altiva.

Como c'roada de virente louro
Por mãos das Muzas , que outra Irmãa te aclamão ,
Da Morte a abrigo , divinal dezatas
Magicos himnos.

* SONETO.

Quem lamenta sem termo , e quem suspira
Sem lamentado ser , nem suspirado ,
He , minha Aonia ! hum Ente desgraçado ,
Que aos Entes todos compaixão inspira.

Nenhum encontrarás , quem não fira
Deste triste mortal o acerbo estado ;
Pois tal suppondo cada hum seu fado ,
Cada hum de ser tal pasma , delira.

Consterna a todos da Desgraça o corte ;
Mas tu , cruel , ás vexas dos humanos ,
Segues por arte mui diverso norte.

Tu por gosto , e prazer forjas meus danos ,
E até procuras entregar-me á morte ,
Quando eu procuro celebrar teus annos.

Aos annos da Illustrissima Senhora D. A. C. X. N. C.

* SONETO.

Não me esquece a Estação, nem mez, nem dia,
Dia, mez, e Estação a Amor sagrados,
Em que a propicia mão de amigos Fados
Ao Sol te apresentou, que hum Sol te via.

Minha alma que por uzo em ti vigia,
Tem na memoria os annos teus gravados,
Assim como esses bens tão suspirados,
Que Amor por decanta-los me cedia.

Tudo, Aonia, me lembra, e se hoje em pranto,
Qual o exige o dever, e qual meu gosto,
Não posso ao teu Natal sagrar hum canto:

Recebe o que a offertar-te estou disposto,
Este recebe, que te mostra quanto
Meu mal he grande por não vêr teu rosto.

Aos annos da mesma.

Ao Illustrissimo Senhor . . .

O D E.

NA moral Officina trabalhado
 Em vão o Escudo abraças,
 Em que os golpes, Illustre Amigo, apares,
 Que azedo, e vingativo
 Amor a furto te dirige ao peito,
 Que julgas livre de seu terno effeito.

Sofismas esquecendo, com que intentas
 Calar a natureza;
 Postergando razões, que o zelo apura,
 E o coração desmente;
 Espreita o seu dictame, a voz lhe escuta:
 Do capricho, e de Amor se acabe a luta.

Ah! não vês, que vazio immensuravel;
 Que espaço inoccupado
 Se encontra no teu peito? odiozo enjôo,
 Lento martirio d'alma,
 Reveza a gloria, os extazis, prazeres,
 Que a seus amantes dão meigas Mulheres.

Por mais que invoques da Razão prestante
 Forte, orgulhozo auxilio;
 Por mais que atalaiado do capricho,
 Izenção alardeies;
 Sobre as tristes ruinas do Desgosto
 Verás de Amor o Throno outra vez posto.

Ah ! céde á Natureza ; vê com pena ,
 Como noites , e dias
 Tardios se amontoão , do Fastio
 Nos insipidos braços :
 Não procrastines tua dita insano ;
 Não sejas de teus gostos o Tiranno.

Abre de novo o peito á bella , que amas ;
 Aperta-a junto d'elle ;
 Bebe sedento a sorvos dilatados
 O requinte da gloria :
 Farta , sacia os sofregos dezejos
 De abraços mil , de innumeraveis bejos.

Ama-te ; amou-te ; e assás te tem mostrado
 Ternura sem limite ;
 Bem como o teu seu coração anhela
 O suspirado instante ,
 Em que te diga , unindo ao teu seu Scio =
 „ Em meus braços te vejo ? Ah ! não o creio ! . . .

Os olhos rios , hum Vezuvio os peitos ;
 Ambas vontades huma :
 Meigos transportes aticando a chama ,
 Que arde nos dois amantes . . .
 Que Ceo ! . . que scena . . Ah' quem podera , Amigo ,
 Nesta ventura emparelhar contigo !

MADRIGAL.

Colhendo flores Jonia vergonhoza ,
Chegon á sensitiva :
Foi-se afastando a planta melindroza ,
Aos seus dedos esquiva.
Ah! (lhe diz ella) quanto semelhante
„ He nosso proceder !
„ Eu tambem fujo ao meu anciozo amante ,
„ Quando tocar me quer ;
„ Porém que differença interessante !
„ Da Natureza tu segues o instincto ,
„ E eu quando o faço , que violencia sinto !! „

SONETO. (1)

O Luzo vencedor, da Patria gloria,
 O destemido, impavido Guerreiro.
 A Mavorcios combates sobranceiro,
 Em todos leva a palma da Victoria.

Triunfante vai ao Templo da Memoria
 Silveira, Patriota verdadeiro,
 Onde escripto deixou seu nome inteiro
 Com letras de ouro na brilhante Historia.

E's Heroe, valorozo, nobre, e forte;
 E's á Patria fiel, Leal á C'roa;
 Findar teu Nome não, não pôde a Morte:

Batendo as azas tua Fama vôa:
 Jove te aclama Semi-Deus Mavorte:
 Até no Olimpo já teu Nome sôa.

(1) Este Soneto he da Senhora D. Maria do Livramento Spense, a que se respondeu com os cinco Sonetos, que se seguem, pelas mesmas consoantes.

* SONETO.

CHEIO de nome , de esplendor , de gloria ,
 Mais pelos versos teus , que por guerreiro ,
 Qual o appellidas forte , e sobranceiro ,
 Ganhando sempre os louros da Victoria :

Entra Silveira o Templo da Memoria ,
 Que a titulo mais justo , e verdadeiro
 Devera apenas occupar inteiro
 Seu claro Irmão , digno de clara Historia.

Tanto , Armia , merece o animo forte
 Do alto Varão , a quem brilhante c'roa
 Salvou , ha muito , do poder da Morte ,

Mas o teu Estro , que ligeiro vòa ,
 Pulsando a Lira em honra de Mavorte
 Em vez de Antonio por Francisco sôa

* SONETO.

Sentado a par do Heroe que teve a gloria,
 De que o cantasses vencedor, guerreiro,
 Com animo a perigos sobranceiro,
 E protegido sempre da Victoria,

Eis-te, Armia, no Templo da Memoria,
 Apontando o caminho verdadeiro,
 Por onde pôde com renome inteiro
 Encher teu Sexo as paginas da Historia.

Foste Heroína, elogiando o forte;
 C'roaste-te, outorgando-lhe alta c'roa;
 Tornaste-te immortal, salvando-o á Morte.

De boca em boca já teu nome vôa;
 Junto com Pallas honra te Mavorte;
 E a Fama tua já no Olimpo sóa.

* SONETO.

Honro-a ; merece-o. Com que jus da Gloria
 Sobe ao Alcaçar o feroz Guerreiro ,
 Que aos ais da Humanidade sobranceiro ,
 Sem a estragar , não conta huma Victoria ?

Honro , só honro Armia : e da Memoria ,
 Por digna ser de encomio verdadeiro ,
 Mando que as Filhas hum volume inteiro
 Desde hoje sagrem , por compor-lhe a Historia.

Sente-o Minerva assim ; e o Deus , que forte
 Prostra o cajado , como prostra a c'roa
 Por Lei terrivel , dando tudo á morte ,

Respeite Armia , que a meu Solio vòa ,
 Que da Irmã protegida de Mavorte
 Novo Astro , e Muza sobre o Pindo sôa.

SONETO.

A Carnagem , que illustra a falsa Gloria ,
 E antolha Numen o feroz Guerreiro ,
 Quando ás Furias , e á Morte sobranceiro ,
 Canta , nadando em sangue , atroz Victoria ,

Se mete pelo Templo da Memoria
 Da especie humana hum monstro verdadeiro ,
 Para cauzar horror ao mundo inteiro
 Seus feitos immoraes aponta a Historia.

Adoça pois teu Estro altivo , e forte ,
 Com que , Armia , ao valor teces a c'roa ,
 O Heroe salvando do poder da Morte ;

Sobre as azas de Amor ao Pindo vôa ;
 Peitos de bronze cantem só Mavorte :
 Tu nova Sapho em meigos Himnos sôa.

SONETO.

ENTRO no Alcaçar da sublime Gloria :
 Silveira encaro intrepido Guerreiro :
 Estava ao frio Olvido sobranceiro ,
 Sustentado nos hombros da Victoria.

Afanadas as Filhas da Memoria
 Hum a hum tanto feito verdadeiro
 Hião lançando n'hum volume inteiro ,
 Já quarto , ou quinto da brilhante Historia.

Assoma Jove , e diz : = Ao Varão forte
 ,, Destinei outra immarcessivel C'roa ;
 ,, Sem vosso auxilio se evadiu da Morte,

,, Estro de Armia até meu Solio vôa ;
 ,, Ella o quiz : aclamei-o Deus Mavorte,
 ,, Já meu Decreto pelos Orbes sôa. = ,,

Ao Senhor J. da C. F.

EPISTOLA.

SE minha Muza cabisbaixa , e triste ,
 Envolta em vestes tragicas , e negras ,
 Pela sombria Estancia me metesse
 Da palida , cruel Melancolia ,
 Onde espremendo o fel amargurado
 Dos ciumes mortaes , do Inferno em pezo ,
 Nelle ensopasse a penna com que escrevo ,
 Talvez traçara hum quadro pavorozo ,
 Grato á tua alma , que os pezares ralão.

Mas , Jonio , a minha Clio he tam ladina ,
 Que , se lhe peço nébias luctuozas ,
 Me inspira alegre bachicas cantigas :
 Seu genio folgazão , propenso ao rizo ,
 Serio character sustentar não ouza.
 Quer brincar , cumpre pois brincar com ella,
 Suplanta quazi sempre o proprio gosto ,
 O que das bellas quer tirar partido.
 Vão pois de brincadeira estas regrinhas ,
 Que ella bafeja prazenteira , e rindo.

Deixando os cultos seus firmes na Persia ,
 Sagaz Jatab em tempos mais remotos
 Passou aventureozo áquem dos mares :
 As maximas expôz da crença Sua
 Do Mundo novo aos crédulos Selvagens ;

Em breve derão a Jatab os cultos
Da America feliz simples colonos.

Undivagos os Luzos denodados ,
Por bussola a ambição , por guia a audacia
Estas praias pacificas demandão
Com a espada na dextra , a cruz na esquerda.
Receberão então povos mesquinhos
A Sancta crença , que vegéta em Roma ,
E docilmente o collo á Lei submetem
„ Dos que as Plagas não suas captivarão „
A Jatab em segredo todavia
Aras se erguião , se queimava insenso :
E inda hoje nos reconditos das Cazas
Alguns conservão do Profeta o busto.
No centro de Familia Jatabista
Nasceo a tua Bella , Amigo Jonio ;
Carcomida Comadre ao recebe-la ,
Quando do Seio maternal sahia ,
Fitando os cavos olhos no alto olimpo ,
Tais preces murmurou com voz tardia.
„ Grande Profeta , esta recém-nascida
„ Desde já vóto aos teus misterios Sanctos ;
„ Permite á linda flor tenra , e mimoza ,
„ Que , de sopro maligno prezervada ,
„ Intacta cresça , e em tempo competente
„ Seu botão desabroxe em teus altares ;
„ E depois , não perjura aos teus dictames ,
„ O mundo inteiro de prazeres farte. „

Cresceu a Bella , as graças lhe crescerão ,
E cumpridos trez lustros se apresenta

Entre festins do grão Jatab ás aras.
 Ali , depois que a Lei na experta virgem
 Foi por brutal Ministro executada ,
 Consta , que aos pés da Imagem do Profeta
 Tais votos proferiu , que assás observa.
 „ Juro , grande Jatab , e aos Ceos prometto
 „ De guardar muito á risca os teus preceitos.
 „ Agora que já fui purificada
 „ Pelos teus Sanctos rigidos Ministos ,
 „ Hirei prestar-me a sofregos dezejos ;
 „ E espero , confiada em teus misterios ,
 „ Nos Elizios gozar prazeres tantos ,
 „ Quantos eu der , e receber no mundo.
 „ Para cumprir os teus justos dictames
 „ Nunca de Amor me feriráo as Settas ,
 „ Mas serei só da Mai victima ardente.
 „ Aceita , gão Profeta , os juramentos ,
 „ Que impressos ficão no meu tenro peito ,
 „ E levarei constante á Sepultura. ,,

Jonio , quem do que tu melhor conhece ,
 Quanto podem n'hum alma feminina
 As impressões primeiras , que a martelo
 Avós , e Pais , e Bonzos lhes encação
 Nos puerís , authomatos miólos ?
 Tua bella , teu gosto , e teu martirio
 Perjura não quer ser aos firmes votos
 De Jatab nos altares profferidos.
 Tu lhe increpas o genio bandoleiro ;
 Porque ao vê-la nos braços d'outro amante
 Te assaltão zelos , te vizita o Inferno :
 Eu lhe aprovo a constancia inimitavel ,

Com que á risca os deveres dezempenha ,
 Que de Jatab a Lei lhe impôz austera.
 Suspende pois , meu Jonio , injustas queixas ,
 Se aos mais se presta a tua linda amada ;
 Sua Religião assim o ordena ;
 E he precizo , ou deixa-la derrepente ,
 Ou seres Jatabista paciente.

* M A D R I G A L .

MImozas borboletas ,
 Que a Natureza honravão ,
 A's doçuras de Amor se abandonavão.
 Lilia , que o quadro fixamente observa ,
 Quebra o Silencio , e transportada exclama : =
 „ Ceos ! e será possível
 „ Que só no humano coração sensível
 „ Seja crime esta chama !
 „ Pár venturozo ! tua sorte invejo ,
 „ Quando em imitar-te minha affronta vejo ! „

SONETO.

Disse-me o Genio da Malicia : = Insano !
 E inda meditas celebrar o dia
 Do que vendo-te em prantos , e agonia ,
 Pode , e não cura terminar teu damno ?

Em tanto , triste ! que tu de anno em anno ,
 Em turbilhões de angelica armonia ,
 Buscas salva-lo á Deslembração fria ,
 Elle te acolhe como a ignoto humano. =

Monstro ! (lhe torno) o sordido interesse
 Nunca de hum grande coração foi norte ,
 E he grande o vate , porque o não conhece.

F . . . he digno de brilhante sorte ;
 Ama a Justiça , e quem he tal merece ,
 Que o louve o justo , que o respeite a morte.

Aos annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor. . .

ROMANCE. (1)

Mon depart.

A Dieu , campagne tranquille ,
 Dont Amour s'enorgueillit ;
 Adieu , trop heureux asyle ,
 Que ma Julie embellit ,
 Je n'apperçois plus qu'à peine
 Tes jardins délicieux ,
 Et confondu dans la plaine ,
 Tu disparais á mes yeux.

Quel trait me frappe , et m'afflige !..
 Comme l'eclair mon char fuit ;
 Il fuit , et ma main dirige
 Le coursier , qui le conduit ...
 Ainsi , contre un miserable
 Tout semble irriter le sort ;
 Ainsi l'on voit un coupable
 Signer l'arret de sa mort.

Mais par la melancolie
 Pourquoi serais-je abattu ?
 L'image de ma Julie
 Me rend toute ma vertu.
 Je la vois , qui me rassure ,
 Je la vois , qui me sourit ,
 Et par tout dans la nature
 Son charme se reproduit.

(1) Estas pequenas peças forão impressas em Paris
 em 1788 debaixo do titulo = Recueil de Romances =

ROMANCE.

A minha partida.

A Deus, campos socegados,
De que Amor se ensoberbece;
Adeus, venturozo asilo,
Que a minha Julia embelece.
Ao longe divizo apenas
Teus Jardins deliciosos,
Na planicie confundido,
Foges aos olhos saudosos.

Que golpe me fere, e affige! . . .
Bem como do raio a luz
Foge o meu carro, e eu dirijo
O Cavallo, que o conduz! . . .
Assim contra o malfadado
Esgota as furias a sorte;
Assim hum culpado assigna
Sua Sentença de morte.

Mas porque hei de succumbir
A' cruel melancolia?
A imagem da minha Julia
Me dá toda a valentia.
Eu a vejo, que me anima;
Vejo-a para mim sorrir-se;
E por toda a natureza
Seus dotes reproduzir-se.

Paré du bouquet champêtre,
Dont ses mains m'ont embelli,
Puis-je n'y pas reconnaître
La beauté, qui l'a cueilli? . . .
Le voilà! . . de ma Maitresse
Tel est le doux incarnat;
C'est sa candeur, sa simplesse,
Et ce lys a son éclat.

Semblable à la fleur nouvelle
Faut-il, que Julie un jour
Se flétrisse aussi comme elle? . .
Mais qu'importe au tendre amour!
La vertu, qui la decore,
Tel qu'un parfum enchanteur
La fera cherir encore
Long-temps après sa fraîcheur.

Jamais beauté plus touchante
Comme elle ne sut charmer;
Jamais plus sensible amante
Mieux qu'elle ne sut aimer.
De Sapho suivant les traces,
Elle en a le don charmant
D'unir les talens aux graces,
Et l'esprit au sentiment.

Do campestre ramo, ornado,
 Que a minha amada me deu,
 Poderei desconhecer
 A belleza, que o colheu? . . .
 Ei-lo! . . . da minha querida
 Tal he o doce encarnado;
 He candida assim, he pura,
 Como ella o Lis he córado.

A' tenra flor semelhante
 Minha Julia, como a flor
 Deverá murchar-se hum dia? . . .
 Isso não extingue o amor!
 A virtude, que a decóra,
 Bem como perfume doce,
 Faria sempre odora-la,
 Ainda que murcha fosse.

Jámais tocante belleza,
 Como ella, soube agradar;
 Jámais amante sensivel,
 Mais do que ella, soube amar.
 De Sapho seguindo a pista,
 Como ella he raço portento,
 Une os talentos ás graças,
 O espirito ao sentimento.

J'ai ces vers, j'ai cette lettre,
 Qu'en depot des soins jaloux
 Elle vient de me remettre . . .
 Quel transport naïf et doux !
 Je t'aime . . . avec plein de charmes,
 Que ma Julie a tracé ! . . .
 Ah ! mes baisers, et mes larmes
 L'ont déjà presque effacé.

Creature enchanteresse
 Douterais tu de ma foi ?
 T'aimer, te cherir sans cesse
 Voilà ma première loi ;
 J'idolatre ton empire,
 Et l'amour, que je ressens,
 Est moins un tendre délire
 Qu'un culte, que je te rends.

J'ose t'en offrir pour gage,
 Le bienfait qu'en ce beau jour
 J'obtiens de toi pour presage
 D'un plus fortuné retour.
 Par une ambition vague
 Mon coeur n'est point emporté ;
 Je suis riche avec ta bague,
 C'est un don de la beauté.

Apesar de vãs cautellas
 Acabo de receber
 Estes versos, esta Carta . . .
 Que expressão venho de ler!
 „ Eu te amo „ . . . Confissão doce,
 Que a minha Julia tem feito! . . .
 Com meus bejos, com meu pranto
 A letra se tem desfeito.

Criatura encantadora
 Duvidas da minha fé?
 Amar-te, e querer-te sempre
 Minha primeira Lei he.
 O teu imperio idolatro,
 E este amor, em que me incendo,
 He mais que delirio terno
 Doce culto, que te rendo.

O dom, que hoje recebi
 Da tua mão delicada,
 Ouzo off'recer-te em penhor
 De huma volta afortunada.
 Em huma vaga ambição
 Minha alma não sinto acceza,
 Com o teu anel sou rico,
 He dadiva da belleza.

A' chaque instant je la touche ,
 A' chaque instant je la vois ;
 Mes yeux , mon coeur , et ma bouche
 S'y fixent tout-à-la-fois.
 De la beauté , que j'adore ,
 Oui simple , et divin anneau ,
 Je veux te porter encore
 En descendant au tombeau .

Mais hélas ! pour la tendresse
 Il est un prix plus flatteur ;
 Ce prix heureux , ma Maitresse
 Vient d'en orner son vainqueur .
 Ah ! des voiles du mystere
 Couvrons ce don précieux . . .
 Mon Sein est le Sanctuaire ,
 Que le cache á tous les yeux .

Mais , tandis que de ma flamme
 Le charme enivre mon Coeur ,
 Et qu'il promene mon ame
 Sur la route du bonheur ;
 Quel aspect soudain me glace ?
 L'oeil ne saurait parcourir
 L'immensité de l'espace ,
 Que mon char vient de franchir .

Eu tóco-o a todo o momento,
 Eu o vejo a todo o instante,
 Olhos, coração, e boca
 Nelle fixo delirante.
 Sim, divino anel da Bella,
 Alvo da minha ternura,
 Quero levar-te commigo
 Até mesmo á Sepultura.

Mas ah! de meu amor terno
 He elle hum doce penhor;
 Penhor, de que a minha Julia
 Adornou seu vencedor.
 Os véos do Misterio cubrão
 Hum dom de tanta valia,
 He meu Seio o Sanctuario,
 Que aos mais olhos o desvia.

Porém em quanto esta chama
 No meu coração se ateia,
 E pela estancia da dita
 Minha alma absôrta passeia...
 Que aspecto me assalta, e gela?...
 Já a meus olhos he vedado
 Alcançar o espaço immenso,
 Que meu carro tem andado.

Dieu ! quelle distance affreuse
 Entre ma Julie, et moi !
 Bienseance impérieuse ,
 Faut-il donc subir ta loi !
 Obéissons sans murmure.
 On peut braver sa rigueur ,
 Lorsque l'Amour nous rassure ,
 Et veille á notre bonheur.

Adieu donc , ma douce amie ,
 Adieu , mon unique bien.
 Je te quitte , ó ma Julie ,
 Mais mon Coeur est joint au tien.
 Banni loin de ta presence ,
 Ce Coeur ressent tour-á-tour
 Tous les tourments de l'absence ,
 Et tous les feux de l'Amour.

Oh ! Deus ! que distancia horrivel
Entre Julia , e mim se opoem !
O' decoro imperiozo ,
Que tão dura Lei me impoem !
Sem murmurar obedeço.
Bem se arrosta o seu rigor ,
Se por nossa dita vélla ,
E nos tranquiliza Amor.

Adeus pois , ó doce Amiga ,
Adeus , unico bem meu ;
Deixo-te , ó Julia , mas fica
O meu coração c'o teu.
Revézão-se no meu peito ,
De ti longe , entregue á dor ,
D'auzencia os tormentos todos ,
Todos os fógos de Amor.

* SONETO.

TU, que dos labios turbilhões dezatas
 De angelico prazer, se ris, ou cantas:
 Celeste Enalia! tu, que rindo encantas,
 E de gosto, e de amor cantando matas:

Tu, que Mortal dos Immortais retratas
 Divinas perfeições, com que abrilhantas,
 Com que o teu Sexo sobre si levantas,
 Dando-lhe lustre, que tu só rematas:

Tu, de Amor Gloria, meu enlevo, e chama,
 Alma desta alma! de huma vez attende
 Aos ais, que exhala hum coração, que te ama.

Minha ventura de ti só depende:
 Dia de graças teu Natal se aclama:
 Dá, que te abraçe, e teu rigor suspende.

A huns annos.

* SONETO.

EIs-te de novo agrilhoado , e prêzo ,
 Infeliz Coração , tu que apostavas
 Entre vaias , que a Amor soberbo davas ,
 Não mais sentir de seus grilhões o pêzo.

Eis-te em delirio , transtornado , accêzo ,
 Victima da paixão , de que zombavas ;
 Curvado á mesma , quem de Amor fallavas
 Com Estoico desdem , mofa , e desprêzo.

Cahiste em fim : e escravo n'hum momento
 De ti voou a paz , foi-se a alegria ,
 Qual vapôr leve , que dissipa o vento.

Eis o que tem , quem na razão se fia ,
 Sem ver , que dos mortais para tormento ,
 ,, Amor não he razão , he Simpatia. ,,

*A' Senhora D . . . por occasião da morte de
hum seu Sobrinho.*

O D E.

NEm sempre o Ceo benigno
De molles flores alcatifa a terra,
Que piza tenra, melindroza planta
De hum ente afortunado:
Lá lhe semêa abrolhos,
Que occultos são a prespicazes olhos.

Viste a teus pés, Natercia,
A Ventura entornar os seus dons todos:
Mimos, gostos, favores te cercavão
Em seu regaço ameno:
Eras amante, e amada;
Verdadeira fortuna: o resto he nada.

No gozo lizongeiro
De tantos bens tão mal avaliados
Deu-te o primeiro corte o braço rude
Do Destino cruento:
Roubou-te no Filhinho
O objecto principal do teu carinho.

Gemeu a Natureza:
Talvez teu peito pela vez primeira
Deu franca entrada aos golpes da Saudade:
Sentiste em grão sobido
O requinte das dores
De quem perde p'ra sempre os seus amores.

E não cicatrizada
 A ferida cruel , que recebeste ,
 De novo o Fado ensaia os seus revezes ;
 E Em teu charo Sobrinho
 O golpe descarrega ,
 Que a mortais penas a tua alma entrega.

Mas dize , (e sê sincera) ,
 Provaste todo o fel dos dissabores ? ..
 Ah ! parece-me ouvir-te em voz macia
 Responder-me choroza =
 ,, Nada , nada mais resta :
 ,, A quinta essencia do pezar he esta =

Perdoa-me , Natercia . . .
 Todas as penas , todas as saudades ,
 Todas as dores , que tu tens soffrido ,
 Não , cruel , não são nada
 Em proporção dáquellas ,
 Que déste , e dás ás almas , que flagellas.

O Ceo , o Ceo he justo :
 Nunca deixou a ingratição impune ;
 E se a Sorte poupasse os seus revezes ,
 Não he , não he debalde ,
 Que Jupiter potente
 Empunha Justiceiro o raio ardente.

MADRIGAL.

„ **N**ÃO és o unico bem, que esta alma *adora*^s
 (Francina assim a Aulizo consolava)
 „ Jonio não desprezei por ti outrora ,
 „ Jonio , que eu tanto amava ?
 „ Matando-o com ciumes ,
 „ Insensivel não fui aos seus queixumes ?
 „ Porque tens pois o rosto carregado :
 „ Os olhos lagrimozos ? „
 „ Ah ! Francina (lhe volta o desgraçado)
 „ Quando estou nos teus braços carinhosos ,
 „ Vem-me a Lembrança mais cruel , que a morte ,
 „ Que bem cedo hei de ter de Jonio a Sorte. „

—

 ODE. (1)

* **S**ôa La-Côrte na cadente Flauta ,
 E ave sonora seus accentos segue .
 Em tanto que entre dôr minha alma esperta
 Náda em mil pensamentos.

Silenciozo Morfeu com mão fagueira
 As palpebras cerrou de amantes lassos ,
 Que junto ás Bellas , que prazer respirão
 Gostão Somno ditozo.

(1) Esta Ode foi improvisada em presença de alguns Amigos , e feita pelos dois Amigos , produzindo cada hum sua estrofe.

* Morfeu ! e onde estás tu ? Só eu não posso ,
 Sem que os parelhe n'outra igual ventura ,
 Colher ao menos de teus dons o encanto ,
 Erino grato repouzo !

Quanto me excede o mizero indigente ,
 Que mal coberto com vestidos rotos ,
 Por tecto o Ceo , por leito a dura terra ,
 Placidamente dorme !

* Porém constancia , meu C . . . , existo :
 E escudado da Augusta Sapiencia ,
 A' tua imitação , de avessos Fados
 Vencerei a corrente.

Tolha-me embora o rabido Destino
 Todos os meios de attingir á dita :
 Insulto o seu poder : nada me abala ,
 Se me escuda a Amizade.

* Doce Amizade ! e não és tu das Almas
 O bem melhor , e a dadiva , que Jove ,
 Por delassar-me do rigor da Sorte ,
 Poz no peito de Lilia ?

Ah ! certamente és tu , és tu , que entornas
 Neste saudozo , malfadado seio
 Doce consolação , se pôde te-la ,
 Quem não goza , o que adora.

* Talvez que assim , como eu , Piramo outrora ,
 Longe de Tisbe , mas do amor seguro ,
 No centro escuro de calada noite
 Soltasse iguais conceitos.

Assim sentia o nadador de Abido,
 Na opposta margem vendo a Estancia d'Ero;
 Mas quanto he môr meu mal, se me separa
 De Lilia immenso Oceano!

* Andão na vida os bens apoz os males:
 De mistura c'o amor a angustia vive:
 Razão escassa pouco auxilio presta,
 Quando ergue a voz o Fado.

Assim apoz o bem de gozar Lilia,
 Seguiu-se o mal de separar-me della:
 Assim tocando a meta da ventura
 Me submergio no abismo.

* Fui eu quem dirigi meus novos passos?
 Quem n'outro mundo me lancei por gosto?
 Quem por ventura fabriquei os males,
 Que hoje me faz a auzencia?

Quanto fôra melhor, amante Lilia,
 Expirar pobre em teu mimozo seio,
 Do que vir mendigar Graças tardias
 Aos Pés do Regio Throno!

* São tais meus votos, meus dezejões forão;
 Mas força occulta, que me rege os passos,
 Por Decreto fatal fez necessario
 O mal de abandonar-te.

Abandonar-te! . . ah! não: foi só deixar-te:
 E se outra vez os Ceos a ti me derem,
 Por elles juro, que de mim contente,
 Prescindo de outra dita.

SONETO.

Soberbo Adamastor, que ao Gama ousado
 Predisseste os destinos dezastruzos
 Dos Luzos, que apôs elle aventurezozos
 Passassem teu dominio respeitado.

Ao mar, que te circunda bravo, irado,
 Manda alizar os rolos temerozozos,
 Em seus hombros macios, deleitozozos
 Que avante passe o meu G. . . amado.

Não tem, como Albuquerque audaz, por guia
 Com o Sangue da oppressa humanidade
 Accrescentar a vasta Monarchia.

Filho da Terra, acolhe-o com bondade;
 Pois que o conduz Amor, Filantropia,
 Seus passos rege candida Amizade.

A' partida do Senhor M. J. G. para Moçambique.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor . . .

ODE SAPHICA.

Nihil supra
Deos laceso: nec potentem Amicum
Largiora flagito.

Hor. L. 2. Od. 18.

NA falaz aura da vaidade cega
Equilibrado, postergando o termo,
Do Sol os raios encarar não ouzo,
Emulo d'Aguia.

Além da meta, que me está marcada,
Não fito audaz a esperançoza vista;
Não toca as raias da Injustiça a minha.
Suplica humilde.

Se hoje recebo, o que outro tempo dera;
Se em ninho estranho meu frugal sustento
Mendigo ás vezes, e a Amizade canço,
Mizero sempre.

Salva-me ás garras da Indigencia rude ,
 Sabio Ministro , e meu destino seja
 Terra infecunda , mal sadios ares ,
 Arvores nuas ; (1)

Ou , se te apraz , nesse torrado Clima ,
 Onde dardeja torvo Febo a prumo , (2)
 Hirei ralar , mas de pobreza izento ,
 Pavidos dias.

Não porque anhele ferrolhar em Cofres
 Inutil copia de metal luzente ;
 Mas porque passe em mediania sabia
 Placida vida (3)

K

(1) *Pone me pigris ubi nulla campis
 Arbor aestiva recreatur aura :
 Quod latus mundi nebulae, malusque
 Jupiter urget.*

Hor. L. 1. Od. 22.

(2) *Pone sub curru nimium propinqui
 Solis in terra domibus negata.*

Ibidem

(3) *Non possidentem multa vocaveris
 Recte beatum : rectius occupat
 Nomen beati, qui Deorum
 Muneribus sapienter uti...*

Hor. Od. 9. L. 4.

Porém , Senhor , meu coração não mente ;
 Elle me augura , que dezanda a roda
 De meus revezes , e teu braço atalha
 Rabido giro.

Que á minha dita se franqueia o Oceano ;
 E d'aqui longe em venturozos Campos
 De pingues Ilhas (1) vai ferrar o pano
 Rispido Fado.

Ali no Solo fecundante , ameno ,
 Auxiliada de benigno influxo ,
 Vegetará , a que definha neste ,
 Languida Muza.

E do seu Estro nos sonoros rasgos
 Brillhante Estadio , onde fulgure eterno
 Vivaz teu Nome , se abrirá , que affronte
 Turbidos Evos. (2)

Pois em mim pondo compassivos olhos ,
 A pena , a angustia de minha alma leste ,
 E me livraste da humilhante inopia
 Provido , Jutso.

(1) Nos manet Oceanus circumvagus : arva , beata
 Petamus arva , divites et Insulas.

Epod. 16.

(2) Non ego te meis
 Chartis inornatum silebo.

L. 4. Od. 9.

Para a boa intelligencia desta Ode deve prevenir-se o
 Leitor , de que no tempo , em que ella foi feita tenta-
 va o A. ser despachado para as Ilhas dos Açores.

* SONETO. (1)

NÃO mais suspiros meus, que sois baldados;
 Não mais queixumes, porque sois perdidos:
 Já se nega a escutar de Auzilio os brados
 A cauza bella, porquem sois nascidos.

Outros laços talvez de novo urdidos
 Roubão de Aónia o coração, e agrados:
 A' perfidia talvez prestando ouvidos
 Por arte escuza ter de mim cuidados.

Mudou: quebrou traidora a fé jurada:
 De Aulizo, de quem era idolatrada
 O simples coração falsa illudia.

Mas feliz illuzão! feliz engano!
 Assim, cruel, só livre me veria
 De hum jugo indigno, feminil, tiranno.

(1) Pelo antigo antrecho de Malherbe.

LES OISEAUX DE VENUS.

O Ma Julie , as tu vû quelque fois ,
 Au mois de mai , l'oiseau de cithérée ,
 Suivre dans l'air sa compagne adorée ,
 Et la flatter du charme de sa voix ?

Les as tu vus , consumé de desir ,
 Les yeux en feu , les ailes etendues ,
 Confondre , unir leurs ames eperdues ,
 Et soupîrer d'amour , et de plaisir ?

Un autre oiseau que la belle Cipris
 Souvent prefere aux Cygnes du Meandre ,
 Un autre oiseau , moins timide , aussi tendre
 N'a-t-il jamais enflammé tes esprits ?

Toujours heureux , il desire toujours.
 Vois-le presser la maitresse , qu'il aime.
 Jui chaque arbre , et chaque feuille même
 Devient un trone , un lit pour les Amours.

Vois cet oiseau , qui , fier de sa beauté ,
 Trace en nageant un sillon dans les ondes
 De ce canal , où deux sources fecondes
 Viennent s'unir sur un sable argenté.

Le bel object , á qui son coeur ceda ,
 Etend sur lui ses ailes amoureuses ,
 Et goûte au sein des eaux voluptueuses ,
 Mille plaisirs , qu'eut envié Léda. (1)

AS AVES DE VENUS.

JA' viste alguma vez , Julia querida ,
 Em Maio a ave , que a Erecina agrada ,
 Pelo ar seguir a companheira amada ,
 Namora-la c' a voz enternecida ?

Já as viste n'hum dezejo activo arder ,
 Os olhos fogo , as azas estendidas ,
 Confundirem as almas aturdidas ,
 E suspirar de amor , e de prazer ?

Mais audaz , e tão terna , como aquella ,
 Nunca te pôz n'huma amoroza ardencia
 Outra ave , quem dá as vezes prefferencia
 Sobre os Cisnes Meandrios Cipria bella ?

Sempre feliz , e nunca satisfeito
 Vê como estreita o doce objecto , que ama ,
 Ali huma arvore , a frondoza rama
 He para seu amor hum throno , hum Leito.

Vê outra , que de bella se alardeia ,
 Longa esteira nadando n'agoa abrir
 Desse canal , onde se vão unir
 Os dois regatos sobre a argentea arcia.

O Lindo objecto , que seu peito enreda ,
 Sobre ella estende as azas amorozas ,
 E no seio das agoas voluptuozas
 Goza prazeres , que envejara Leda.

Eh ! bien ! apprends , que ton charme vainqueur ,
De cet amour , dont tu vois les modeles ,
Reunissant toutes les etincelles ,
Produit le feu , qui consume mon coeur.

Ce coeur ardent , ivre de tes attraits ,
Il te chérit avec idolatrie.
Ah ! pour qu'il fût digne de ma Julie ,
Sur lui l'Amour epuisa tous ses traits.

Ah! sabe, Julia, que teu bello aspesto,
Reunindo as faiscas vehementes
De Amor, cujos modelos tens presentes,
Produce o fogo, que me abraza o peito.

Este peito, em teus dotes embriegado,
Te consagra meu bem o amor mais fino,
E, para ser da minha Julia dino,
Amor tem nelle a aljava despejado.

* S O N E T O .

HA mister delle o Imperio inda nascente ;
 (Themis dest'árte a Jupiter dizia
 De teu Consorte no fausto dia ,
 O' Gloria delle , ó Marcia prescellente.)

„ Que a imparcial Balança me sustente ,
 „ De que depende o bem da Monarchia ,
 „ Eis o que peço : e p'ra seu Norte , e Guia ,
 „ Céde-lhe , ó Deus , que viva eternamente. „

„ Aos Fados seus (diz Jove) os Fados ligo
 „ Dos Luzos , que anteponho ao mundo inteiro ,
 „ E aos quais com meu poder immenso abrigo.

„ Viva , e prospere-os sempre o Justiceiro ,
 „ Do Merito o Fautor , o Amparo , o Amigo ,
 „ Ao tempo , á Morte , á inveja sobranceiro.

*Dirigido á Excellentissima Senhora por
 occasião dos annos de seu Marido.*

Ao Senhor Doutor D. B. de B.

O DELIRIO, OU SONHO AMOROZO.

* O D E.

TOrno torno a abraçar-te
 Imagem da virtude :
 Sou eu , sou inda o mesmo : chega , estreita ,
 Une ao teu peito o Amante ,
 Que á fé , que te jurou , se restitúe ,
 De seus Tirannos livre.

Salve , mimozo Leito ,
 D' Amor , das Graças Throno ,
 Throno , que em Lilia , me presentas Venus
 Sem macula de crime !
 Salve , Imagem do Olimpo , alma desta alma ,
 Emanação do gosto. (1)

Como , como em meus olhos
 Os seus sorrindo fita !
 Como estendendo as mãos , os pés firmando ,
 Chegar-se a mim procura !
 Já conhece . . . já sabe . . . Lilia ! Lilia !
 Dá , que outra vez te abrace.

L

(1) Estes dois versos com toda a estrofe seguinte se reportão a hum producto do amor.

Que he do Mundo? . . . Eis a Gloria! . . .

Tirannos meus , correi-vos.

Eis da virtude o fructo; eis da virtude

O premio , o quadro , o gozo!

Ah! minha Lilia! e quem ouzara agora

De meus braços roubar-te?

Cede , cede aos transportes

De huma alma , que abrazada

Busca teus labios , e requer por elles

Passar-se para a tua.

Dellas , ó Lilia , huma alma só formemos . . .

Eia . . . depois morramos.

Assim sonhava : e absorto

N' hum mar de gozo , e dita

Feliz tocava o cume da ventura ,

De Jove a par me via.

Illusão divinal! Oh! Ceos! mas como

Se esvaceu ligeira!

Tal he porém , meu B . . .

A condição do triste ,

Que Horóscopo embruscado amantilhara

Ao despontar da vida :

Busca a ventura em vão ; pois mesmo em sonhos

Nem lhe he dado goza-la.

Qual era , escravo accordo :

E á pezada existencia ,

Dando-me Lilia ver para perdê-la ,

Meu Fado o pezo augmenta.

He noite o Sol , que novamente encaro ,

Inferno a noite vinda.

Ai! Se a Sorte porfia
 Em ser-me avessa, e dura!
 Ai! Se o Ministro Valedor do genio,
 Que as Muzas ama, e honra,
 Não cura prestes, não me ajuda forte
 A pôr-me n'outro estado!

Se este dura... teu pranto,
 Teus ais em curto espaço
 Darão tributo no amador de Lilia
 A hum Amigo, que perdes.
 Lilia! Muzas! Amigos! mas na morte
 O ultimo instante he vosso.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor...

EPISTOLA.

E Abáfarei, Senhor, dentro em meu peito
 Justos queixumes contra a Sorte adversa,
 Até que exale da Afflicção na garras
 Final supiro, porque aneio, ha tanto?
 Quantas vezes, ah! quantas! tomo a penna,
 Ensaando nos rasgos, côr da noite,
 Desafogar o espirito acurvado
 Ao pezo enorme dos revezes crebros!
 E quantas outra vez da mão a largo,
 Soltando assim ao pensamento as vellas!
 „ Se a Fortuna cruel, e desdenhoza
 „ Me prescreveu huma orbita mesquinha,
 „ Dentro da qual em giro miseravel
 „ Tem de rotar os meus amargos dias;

„ Se longa experiencia assás constante
 „ Mostra , que tudo he surdo aos meus clamores ,
 „ Insano ! porque teimo , porque canço ,
 „ Anhelando aditar-me contra o Fado ?
 „ Debalde ensejo , que em meu prol se mude ;
 „ Debalde ergo projectos , que engendrados
 „ Nas trevas da minha alma , em trevas morrem ;
 „ E se os alenta languida esperanza ,
 „ Vejo procrastinar meu bem ronceiro ,
 „ Até que aos golpes da Indigencia morra . . .
 „ Tudo o que he meu bafeja a Desventura :
 „ Remedio de Catão he meu remedio ;
 „ Ou (se he melhor) Socrates novo assume ,
 „ E o vazo da cicuta afouto empunhe. „

Eis , Senhor , como a mente acabrunhada
 Luta commigo , e me despenha quazi
 Da Dezesperação no Pégo irado ;
 Mas Genio bemfeitor me embarga os passos ,
 Quando quero arrojar-me em seus abismos ,
 E com voz divinal assim me anima. =

„ Ao Ministro , ao Ministro , ao Pai dos Sabios ,
 „ Ao Valedor do Merito acanhado ,
 „ Ao Justiceiro te dirige , e em breve
 „ Verás oppôr-se huma barreira immovel
 „ A' corrente fatal dos teus revezes.
 „ Elle ama , e condecora Honra , e Virtude :
 „ Galardôa os Serviços , que o merecem :
 „ Sua Balança he prompta , he recta , e nella
 „ Encontrarás alivio ao mal , que soffres. „

Foi a Razão , na Opinião fundada ,
 Quem me inspirou tão doce pensamento ;

Realiza-o, Senhor, serei ditozo,
 E a Gratidão desprenderá tais vozes. =
 „ O Ministro immortal, Honra da Patria,
 „ Traz minha Sorte ao carro seu ligada.
 „ Quando de Lizia pela vez primeira
 „ Regeu os Fados em terrivel crize,
 „ Separou-me do vulgo, e afortunou-me.
 „ A roda dezandou, fui desgraçado;
 „ Té que outra vez chamado o Genio Grande
 „ Dos difficeis Negocios ao Manejo, '
 „ Para mim se sorriu de novo o Fado.

* SONETO.

CAncei, Aonia, por te ver cançada:
 Arrefeci no amor, por ver-te fria:
 Quebrei, quebrei teus ferros, porque via,
 Que já estavas dos meus enfastiada:

Em quanto amor tiveste, idolatrada
 Foste sempre de mim, que em ti vivia:
 Mas hoje, que o trocaste em tirannia,
 Com a mesma tambem serás pagada.

Tanto a razão, tanto o dever exige:
 Deve pouco importar a formozura,
 Que só deshonra, e só tormento inflige.

Amantes! que lição! Verdade he pura,
 Que quando á Amor Virtude não dirige,
 „ Raras vezes Amor produz ventura. „

ROMANCE DE JULIE.

TRistes regrets , vœux superflus ,
 C'est vainement , que mon coeur aime.
 Mon bon ami ne m'aime plus !
 Adieu plaisirs bonheur supreme.
 Il c'est lassé de mes refus ,
 Lorsque m'en lassais moi-même.
 Mais ô pleurs , ô vœux superflus ,
 C'est vainement que mon coeur aime.

L'indifference est dans son coeur ,
 L'indifference est dans sa bouche.
 S'il parle , c'est avec froideur ;
 S'il se tait , son air est farouche.
 C'est en vain qu'il voit ma douleur ;
 Rien ne lui plait , rien ne le touche ,
 L'indifference est dans son coeur ,
 L'indifference est dans sa bouche.

Gueris mes maux , tu les a faits ,
 O' puissant fils de Cythereé !
 Viens , accours me rendre la paix ;
 Rassure mon ame egareé.
 Par le chagrin , par les regrets
 Tour-a-tour elle est dechireé . . .
 Gueris mes maux , tu les a faits
 O' puissant fils de Cythereé !

ROMANCE DE JULIA.

Votos vãos , pranto , agonia ,
 São debalde extremos meus.
 Já meu bem me repudia !
 Prazeres , ventura , adeus.
 Cançou-se ao passo que eu hia
 Prestar-me aos desejos seus.
 Votos vãos , pranto , agonia ,
 São debalde extremos meus.

Seu peito indiff'rença indica ;
 A mesma a boca assignala :
 Com frialdade se explica ;
 Sombrio está , se não falla ;
 Surdo ás minhas penas fica ;
 Nada meu lhe apraz , o abala ;
 Seu peito indiff'rença indica ;
 A mesma a boca assignala.

Cura os males , que cauzaste
 De Venus filho potente ;
 Outorga a paz , que roubaste
 A huma alma por ti demente ;
 Pezares , que tu forjaste ,
 A ralão continuamente . . .
 Cura os males , que cauzaste
 De Venus filho potente !

R E P O N S E.

MA Julie, á quelles douleurs
 Ta plainte cruelle m'expose !
 Quoi ! tu gemis, et de tes pleurs
 Se peut-il que je sois la cause !
 Ah ! sur mon sein viens t'appuyer,
 Viens dans mes bras, daigne m'entendre . . .
 Ces pleurs, qu'Amour te fait repandre,
 L'Amour saura les essuyer.

Aux vœux du plus fidele Amant
 Serais tu donc inexorable,
 Lorsque envers toi du sentiment
 L'excès seul l'a rendu coupable ?
 Non, tu ne peux me refuser
 Le juste pardon, que j'implore
 Ton coeur meme m'excuse encore,
 Quand ta bouche veut m'accuser.

En proie à d'éternels Argús,
 Et malgré ma flamme constante,
 Desespéré par tes refus,
 Qui trompait ma plus douce attente,
 J'affectais le dehors trompeur
 D'une perfide indifférence . . .
 Je n'en avais, que l'apparence ;
 Tu regnais toujours sur mon coeur.

R E S P O S T A .

MInha Julia , a pezar quanto
 Com tua queixa me expões !
 Que ! gemes , e de teu pranto
 O cauzador me suppões !
 Vem no meu seio apoiar-te ;
 Vem a meus braços , attende . . .
 O pranto , que Amor desprende ,
 Doce Amor póde enxugar-te.

Do mais fido amante ao intento
 Serás inda inexoravel ,
 Se a força do sentimento
 P'ra contigo o fez culpavel ?
 Tu não podes recuzar-me
 Perdão da supposta culpa ,
 Teu coração me desculpa ,
 Se a lingua quer accuzar-me.

De eternos Argos cercado ,
 E contra as chamas , que ardião ,
 Já de repulsas cançado ,
 Que a esperança me illudião :
 Affectei fria izenção ,
 Indiff'rença por estudo . . .
 Mas apparencia era tudo ;
 Reinavas no coração.

Mon crime fut de t'outrager ,
Qu' enfin le repentir l' efface !
Et d' une nuage passager
Oublions jusques á la trace.
Que je parviene a te calmer ,
Et je n' aurai , toute ma vie ,
D' autres soins , prés de má Julie ,
Que de lui plaire , et de l' aimer.

Se foi meu crime ultrajar-te,
Perdoa, que eu me arrependo;
Nuvem, que pôde assombrar-te,
Que nem nos lembre pertendo.
Ah! se eu chego em paz a vêr-te,
Meu cuidado em toda a vida
Será, ó Julia querida,
Só agradar-te, e querer-te.

* SONETO.

SE fossem todos dignos de memoria
 Quantos de Reis dirivação contassem ;
 Pergaminhos talvez nunca abastassem
 Para tecer-lhe a tedioza Historia.

Seja a origem qual for . . . ter nome , e gloria ,
 Porque do Olvido os términos altassem ,
 Compete aos que só inclitos ganhassem
 Por illustres acções fama notoria.

Tu por acções , e méritos distincto ,
 E's pois , Elmano , quem me occupa agora ,
 E me franqueia o Delfico recinto.

Da Patria em honra o teu Natal se adora :
 E eterno vive (tanto digo , e sinto)
 Quem te imitar , e só viver huma hora.

*Aos annos do Illustrissimo e Excellentissimo Se-
 nhor D. M. P. e C.*

Aos annos da Senhora . . .

D I T H Y R A M B O .

AO meu despido alvergue
 Trazes , Natercia , os rizos , e os prazeres :
 Em teus nitidos olhos
 Raios scintilão , com que os peitos feres ,
 E a tua gentileza
 Dissipa as sombras da voraz tristeza.

Em Templo de Amathunta
 Se converteu a Estancia do Desgosto ;
 E pois que fulge o teu divino rosto
 Junto a mim no teu dia Natalicio ,
 Eia que resta ? ver-se
 Esporeada a ardente fantazia
 C'o estimulo valente da Ambrozia

Huma botelha inteira
 De vinho da Madeira
 Neste bojudo copo
 Lança , Domingos , lança :
 Pelos bons annos da gentil Natercia ,
 Cá vai , cá vai á pança.

Domingos , traze-me outra
 Do nosso patrio Douro ;
 Que seria desdouro
 Com tão pouco licor

Brindar ao meu Amor.
 A tão grande Saude
 Deve beber-se ao menos hum almude.

Ah! que já vou sentindo
 Fuzilar na cabeça altas ideias!
 Lá vão, lá vão fogindo
 A Regiões alheias
 Zelos malditos, que me tem ralado:
 E pelo Deus do Vinho estimulado
 Já não temo rivais,
 Sejam Fidalgarrões, ou meus iguaes.

Natercia, como és linda!
 Nos meus olhos scintila gosto insano,
 Quando os fito em teu rosto soberano;
 Ou tens hoje mais graças,
 Ou por audaz virtude
 Das bachi-plenas taças,
 Que te bebo á saude,
 Avultão mais na minha fantazia
 Os teus encantos, tua galhardia.

Se teus dotes brilhantes
 A' medida que eu bebo, estão crescendo,
 Eu tanto hirei bebendo,
 Que da Mãi dos Amores em desdouro
 Neste dia de Gloria
 Ha de caber-te em sorte o pomo d'ouro.

Se as mãos se dão
 Bacho, e Cupido;

Se combatido
 Hum coração
 Por ambos for ,
 Triunfa Amor ,
 E Bacho atiga
 Fogo voraz :
 O sangue audaz
 Pede justiça ;
 E nos braços da Bella extasiado
 Em prazer duplicado ,
 Que abrange d'alma toda a faculdade ,
 O Amante ressuscita
 Com languida saudade
 De repetir a dita.
 Evoé , Bacho , evoé !
 Tu , quem fazem corte
 Os prazeres , os rizados , a a alegria ,
 Neste fausto dia
 Assobérba potente a minha sorte :
 Do meu alvergue em torno
 Os jubilos revõem lizongeiros ,
 E os rispídos pezares ,
 Meus fieis companheiros ,
 Por ti afugentados
 Seirão no fundo Averno mergulhados.
 Domingos , outra vez ao Deus imberbe
 Eu grato libarei :
 Traze-me outra botelha , e a beberei
 Toda de hum golpe :
 Oh ! como brilha , e salta dentro á taça
 O fulgido licor !
 Assim do meu Amor

A feiticeira graça ,
 A macia ternura
 Nos lindos olhos fulge ,
 E em cada movimento
 Corações agrilhôa cento a cento.

Por Bacbo electrizado
 Vou remontar o Olimpo sublimado ,
 E se houver quem se opponha ao meu projecto ,
 Eu Victima o farei da dura Alecto.
 Natercia , vem commigo ,
 Aos astros voaremos ;
 Pelo alcaçar dos Deuzes entraremos
 Com firme confiança ;
 Eu hoje sobre Jupiter governo ;
 Mando Plutão no Averno ;
 Sobre Neptuno impero ;
 Dou Leis a Eólo fero ;
 E o caduco Saturno recurvado
 Vejo aos meus pés prostrado.

Lá vem Venus gentil ,
 Circumdada de Graças mil , e mil ,
 E meiga me repete ,
 Que te cede , ó Natercia ,
 O posto , que no Olimpo lhe compete ,
 Pois conhece , que a tua galhardia
 Tem sobre os seus encantos primazia.

Commigo dominas
 Toda a Jerarquia
 Dos Deuzes , e Deuzas
 Neste fausto dia.

Entre nós ressôão
 Cantos de alegria,
 Eu nado em prazer
 Neste fausto dia.

Porém, Natércia, o Canto se suspenda;
 E em prazeres melhores
 Comnosco o mundo aprenda
 Os annos celebrar dos seus Amores:
 Bacho me punge, Venus me persuade.
 Que falta, ó Bella? . . . a tuã só vontade.

A inconstancia punida.

* O D E.

VOU de ti cogitar, Silencio, e Noite.
 Meu Estro excitão da uzitada inercia:
 Vou de ti cogitar, de ti queixar-me . . .
 Attende-me, Natércia.

Sem conhecer-te, só com Lilia n'alma,
 Com Lilia no cuidado, e pensamento,
 Meu mal apenas era o da saudade,
 Não vê-la o meu tormento.

De saudade, e de Amor victima triste,
 Mas contente da cauza assim passava:
 Colhia-me em tristeza o Sol nascente,
 E o Sol, que se auzentava.

O' Amizade, e que fizeste, quando
 Me invitaste a seguir-te ! Assim que a sigo,
 Em sitio a Amor, e aos rizo consagrado
 Em fim vou dar com tigo.

O' Noite, em que te vi, de gosto ardendo,
 Fitar meus olhos, demandar ternura!
 Noite, Noite, onde estás? Surge do Olvido
 A' voz de huma alma pura.

Foi então, que de Amor em ninho estranho
 Senti o imperio pela vez primeira:
 Sua Mãe te julguei, e em tracto, e em modo,
 Mais que Venus fagueira.

Fogo em teus olhos, e em tua alma vendo,
 Súbito fogo abrazeou minha alma;
 E ambos fragoas de Amor . . . a Amor cedemos
 Novo triunfo, e palma.

Que tempos, que de Sóes tão bem passados!
 Então o Ceo, que para mim se ria,
 Permanente ventura me augurava,
 E eu quazi hum Deus me cria.

Lilia, Lilia, onde estás? . . E ouvir-me podes?
 Podes; tens alma de virtude ornada;
 Deves ouvir-me; pois que em fim Natercia
 Deixou-me . . . estás vingada.

Remorso, raiva, confusão, ciume,
 Súbito inferno o coração me assalta;
 E hoje tiranos meus os meus prazeres,
 Morrer de dôr me falta.

Morrer de dôr ! Sim , Lilia , tanto importa ,
 Que soffra , quem á fé , que te jurara ,
 Por apparencias vãs de vãos carinhos
 Tão depressa faltara.

Fui com razão por outro prefferido ;
 Fui com razão por outro abandonado ;
 E até mesmo que tu me aborrecesses
 Devera ser meu Fado.

Más tu , ó Lilia , aborrecer-me ! . . . Basta ,
 Basta o desprêzo de Natercia infida :
 Levar a tanto de vingarte o excesso
 Fôra tirar-me a vida.

Que espelho , Amantes ! que lição ! punido
 Vedes em mim da Ligeíreza o vicio :
 E o que me torna , sobre quanto sinto ,
 Mais agro o meu supplicio ;

(Quem ha de crê-lo , oh Ceos !) he ver , que em fogo
 Mais do que nunca o coração accezo ,
 A ingrata adoro á proporção , que cresce
 Commigo o seu desprezo !

Barbara ! e podes tanto amor notando
 Tractar assim hum coração , que amaste ? . .
 Noite , Noite ! não mais : sepulta , esconde
 Queixumes , que inspiraste

Ao Illustrissima Senhor . . .

* O D E.

Louvo a que dura ; mas se avessa foge , (1)
 Dou-lhe , o que dera , (da Fortuna falla)
 „ E á sombra da virtude
 „ Quero ser pobre , e honrado. „

Tal com Mecenas se franquêa o Sabio ,
 Que antes do Justo , que a Judéa afama ,
 Aurea doutrina em Roma
 Em aureo metro espalha.

Tal sobre as nuvens , de biforme aspecto , (2).
 Maior , que a inveja , se remonta airozo (3) ;
 E , sotoposto o Lethes ,
 Topa a Immortalidade.

(1) *Laudo manentem , si celeres quatit
 Pennas , resigno quae dedit , et meâ
 Virtute me involvo , probam-que
 Pauperiem sine dote quæro*

Hor. Od. 29. L. 3.

(2) . . . *Biformis per liquidum æthera.*

Od. 20. L. 2.

(3) . . . *Invidia-que major.*

Ibidem.

Porém que fôra , que lições lhe ouvirão
 Desta , que assombra , valentia d'alma ,
 Se accazo , Elmano , a cega (1)
 Lhe não desse hum Mecenas ?

Magro , tristonho , derrengado o genio ,
 Planta , a quem falta succulento Solo ,
 Finára-se , murrêra
 Sem produzir hum fructo.

Ou lingua alheia (2) , e mui diversos rasgos ,
 Surtos da penna , que a miseria tinge ,
 Aos seus então mandára ,
 E quanto foi não fôra.

„ A outra off'rece (diz o Mestre) áquelle ,
 Que a mão te escreva na inculpada face „
 Mas , quando lho fizerão ,
 Deslembrou-lhe o conselho.

Odeio , Elmano , do infortunio o aspecto :
 Tive fortuna , e carecendo-a agora ,
 (Digo o que sinto) a Honra ,
 O saber , e a Virtude ,

São dons estéreis , que indiff'rente vejo ,
 Dons , que já hoje , qual do Mundo he a marcha ,
 Se vogarão , não vogão ,
 Se prestarão , não prestão.

(1) Entende-se a Fortuna por anthonomazia a cega.

(2) Digo Lingua alheia por linguagem diversa , ou
 differente.

Dize á Virtude , que dê pão ? á Honra
 Diz , que te calce ? e ao teu saber , que pague
 As dividas , que tenhas . . .
 Serás servido accazo ?

Sabio se chama , o que milhões possui ;
 Virtude o exorna , porque tem , que espalhe ,
 E a par da copia d'ouro
 Verás segui-lo a Honra. (1)

Vê , como pende da Fortuna tudo :
 Como as Virtudes de seus rizados brotão ;
 E como , se ella falta ,
 As forças d'alma expirão.

Eia ! e se podes , que te impede , Amigo ,
 Genio , que as Artes , e as Sciencias amas ,
 Fazer-me afortunado ,
 Em meu favor pedindo ?

Tu , que de hum Principe os favores gozas ,
 Dados ao mérito , á virtude , e á honra ,
 De hum Principe , que ás Letras
 Mostra semblante ledo :

Tu , porque á força de avivar-lhe os males ,
 Que em terra imiga desde muito soffro ,
 Não farás , que me abone ,
 Para que eu seja A . . . ?

(1) Aurea sunt vere nunc saecula ; plurimus auro
 Venit honos

Sei , que o meu nome , como ao Pai , que adoro
 Notorio , ha muito , rasgos meus fizeram ;
 Que em proza , e verso ha muito ,
 Já celebrei seus Nomes.

Que he pois , que eu hoje , prefferido a Plantas , (1)
 Padres chamados só por terem c'roa ,
 De quanto fiz em Graça
 Me assente em V . . . ?

Oh ! como acordes , e da Lira quantos
 Sons extrahira , se acostado á sombra
 Me visse ali de hum Teixo ,
 De que ha mundo olvidado !

Então nos echos de Lesbinos Cantos ,
 Rival do Cisne , que pasmara o Tibre , (2)
 Mais do que em ferro , ou bronze ,
 Ou marmores de Paros ,

Viras teu Nome , circulando os orbes ;
 E a par daquelles , que em minha alma vivem ,
 A despeito dos Evos ,
 Durar tua memoria.

(1) He entre os Padres , que devião em virtude da sua Profissão ser mais instruidos , que desgraçadamente se encontram mais — Homens Plantas — Segundo a expressão do Medico Francez. Limitados, a maior parte, ao conhecimento de Larraga, e á Pratica de quatro Regras Pastorais, vivem, e tão ufanados de si mesmos, como se fosse cada hum delles o non plus ultra da Sapiencia.

(2) Horacio,

* SONETO.

Desce a meus olhos, ó Morfeu Divino!
 O pranto enxuga, que entre angustias verto,
 Desde que Amor, e o Fado de concerto
 Azedárão por gosto o meu destino.

Desce a meus olhos, e a meu mal benino,
 Dá, que entre sonhos, de temor liberto,
 Goze huma vez a coração aberto,
 De hum bem, que he meu, e de quem eu sou dino.

Gozá-lo em sonhos, e não mais, já quero,
 Pois não he para hum triste a realidade
 De hum bem, que Amor me negará severo.

Em sonhos ha tambem felicidade:
 E se existe paixão, e amor sincero,
 „ A's vezes a illuzão supre a verdade. „

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

* O D E.

A Berto o Estadio á gloria,
De que em remotas Eras
Deves, Elmano, aparecer coberto,
Qual a Assendencia tua,
No ingreme cargo, a que te ergueu, te mostra
O Luzitano Augusto.

Não do Occeanno Imagem,
Que sempre torvo acceita
Qualquer tributo, que nos mundos ambos
Os Ribeiros lhe paguem,
Sejas, dos Povos recebendo aquelle,
Que ao teu Lugar se deve.

Não a Ti, não ao medo,
Consintas, que se acurvem
Livres joelhos, teus iguaes nascidos,
Ouvida a Natureza:
Mas só Beneficencia, Amor, Justiça
Te grangeie este culto.

* O D E.

FRanco! que he isto? Adormeceste, e deixas
De pó cobrir-se a sonoroza Lira,
Que á Morte rouba de Ataide o nome,
E o coloca nos astros?

Que he isto, Franco? . . . No Permesseo escuto
Triste murmurio contra ti formar-se,
E azeda Chio, teu desleixo vendo,
He quem mais te crimina.

„ Eu, que prezando-o lhe dei sempre ideias
„ De nobre audacia, de estremado cunho,
„ Como, ó Delio, com animo tranquilo,
„ Verei agora hum Genio,

„ Que em meu desprezo, abandonado á inercia,
„ Apenas tolerada em gordo Abbade,
„ Nem se lembra, que ha Muzas, nem cogita,
„ Que quanto he, lhes deve?

„ Se a ingratição . . . Oh! Ceos! „ Aqui (não minto)
Raivada a Deoza, fogo os olhos, chora;
E em confuzão o resto das Donzelas,
Tudo poem em transtorno.

Tanto interesse por teus aureos versos ,
Por teu nome , e por ti vês , que se toma :
E aos dons , que os Numes prodigos espalhão ,
Aos talentos , e engenhos ,

Oppôr de gelo coração massisso ,
Desleixo , inercia , he dezejar por gosto
Ter entre os homens infeliz memoria ,
Ter o labêo de ingrato.

Em elogio á Filha da Excellentissima Senhora . . .

* SONETO.

„ **S**E ella não fosse, minha Mãi, tão bella (1)
 „ Se nos dotes a ti não se igualasse,
 „ Não, não temeras, que hoje Amor fallasse
 „ A ti, a Jove, ao Tempo, em favor della.

„ Digna porém de ser no Olimpo Estrela
 „ Quiz hoje Amor, que tudo Marcia honrasse;
 „ E della a par, se eu no Por-vír mandasse,
 „ Nem vira a morte a digna Mãi, que a zéla.

„ Ambas Deidades são do Sexo a gloria;
 „ Ambas Deidades, não se louva a Filha,
 „ Sem da Mãi digna se fazer memoria.

„ Oh! do mérito encanto, e maravilha! . .
 „ Não salto o justo em pertender na Historia
 „ Que brilhe Marcia, quanto Venus brilha. „

(1) Em todo este Soneto he Amor quem falla a sua Mãi.

* ODE SAPHICA.

TEntais debalde retallar, ó Monstros,
 Nomes, que á morte mão superna salva:
 O justo, o honrado, que o bemdigão sempre,
 Creditos ganha.

Aspides calca, de Leões não teme,
 Quem por escudo saã virtude abraça;
 Vêde quam bellos da Inocencia os olhos
 Placidos fulgem;

Ou lhe apresentem cadafalso erguido,
 Ou touro, ou pôtro! mas se o crime punge...
 Tudo ao contrario desmascara o crime
 Livido aspecto.

Eis dos iniquos, que os honrados ferem,
 Marca indelevel, se tortura assoma;
 Baldões, que atirão, contra si volver-se
 Mizeros notão.

Eia! coragem: de tua alma longe,
 Se houve, Francina, que a enlutasse huma hora
 Nojo, que ás vezes d'improvizo movem
 Tétricas linguas.

Qual Astro pura, puro Amor te avista;
 E a par de huma alma, de que és alma, e Deoza,
 Fará = Justiça, = que inda o Ceo brilhantes
 Lucida estrella.

Aos annos do Excellentissimo Senhor . . .

* O D E.

SE qual me he dado, e uzão
Vates os Numes praticar no Olimpo,
E os arcanos beber-lhe,
Ouve, Posteridade,
Na voz, que hoje levanto,
Voz, que desprende a candida verdade.

João, que inda Astro novo
Rutilará nos Ceos com nova gloria,
De exemplo a Reis servindo;
Que dois mundos regendo,
Inda fará, que a Europa
Seu Nome exalte, seu poder temendo:

João (tal disse Jove)
Sabeis, ó Numes, que com recto peito
Querendo, que a Justiça
Prezidissem a seu mando,
A seu lado coloca
O Genio invicto do immortal Fernando.

Que homem! que Genio, ó Numes!
Se immortal lhe chamei, que o seja cumpre;
Que ao Principe, a quem serve,
Dando renome, e gloria,
Fôra de Jove indigno
Não franquear-lhe o Templo da Memoria.

Não Aristides entra ,
 E outros que a Fama de elogios cobre ,
 Com mais jus que Fernando
 Neste divino Templo.
 Com mais saber , e zelo ,
 Virtude , e honra ninguem mais comtemplo.

E se hoje , ó Numes , fulge
 No circulo , que os dias encadeia ,
 Seu natalicio dia :
 Azado vendo o espaço
 A meu grande dezejo ,
 Vêde o que ordeno , e o que por elle faço.

Quero , que da Memoria
 Solicitas as Filhas se encarreguem
 No alcaçar , que adereção ,
 De lhe erigir hnm Busto ,
 O qual se adore , e veja
 Abaixo mais do Luzitano Augusto.

A Inveja macilenta
 Debaixo de seus pés retorça o colo ;
 E a Injustiça confuza ,
 Como de o ver fogindo ,
 Pareça em mar de fogo
 Quazi dezesperada estar cahindo.

Diadema de Luz pura ,
 Que na Região do Ceo nunca falece ,
 A fronte lhe torneie ;
 E aberto nas mãos tenha
 Hum Livro , onde se leia =
 „ Quem quer ser tal , por onde eu vim , que venha. „

Assim prezume Jove
Galardoar o são merecimento ;
Assim decreta , e manda
Em honra da virtude.
Se alguém me estranha . . . cale :
Poder não ha , que meus Decretos mude.

Disse , e geral aplauzo
Entre a turba dos Deozes se levanta,
Oh ! quanta gloria desce
Por este cazo novo
Sobre ti , chefe invicto ,
Que hoje de Minas 'stás regendo o povo!

Pelo imitar te esforça ,
Que Sangue , e coração te não falece ,
Do mesmo tronco vindos
Iguais os fructos sejam ,
Iguaes , para que os homens
No que hum vate disser , verdades vejam.

Aos aunos da Excellensissima Senhora. . .

* SONETO.

„ Qual tanta gloria , tão feliz disfructa ,
 „ Que prezuma ou ganhar-me , ou que me iguala ? „
 (Desta arte o Genio de Setembro falla
 A' turba dos Irmãos , que o cerca , e escuta.)

„ Pejo-me , Irmãos , de entrar comvosco em luta ;
 „ Mas devo á Inveja , que hoje vos signala ,
 „ Contrapôr a Razão , que se não calla ,
 „ Quando a provoca huma cegueira bruta.

„ Em honra , em gloria Mez nenhum me excede ;
 „ E se provas quereis , vede em que Dia
 „ Vosso amor proprio contra o meu se mede. „

Nisto a Memoria os seus Salões abria ;
 E n'hum Throno , onde Amor cultos lhe cede ,
 Fulge o Natal da singular Maria.

Ao Illustrissimo Senhor . . .

* O D E.

M Orfeo cerrava os olhos,
 Que turbas de cuidados
 A velar costumavão,
 Quando em tropel á mente
 Lédos huns, tristes outros,
 Sonhos assomão de variadas formas.

Prófuga ao leito brando,
 Onde mil Ceos me dera,
 Eis hum me pinta Lilia,
 Que em novo amor acceza,
 De mim, de si no olvido,
 Dá, e recolhe em braços de outro gloria.

O' rabido transporte!
 Quem sou neste momento?
 Leão, que estruge, brama,
 Que despedaça, e mata;
 Mas subito outro sonho
 Eis varia o painel, e á Amor me entrega.

Nos braços de outro a vejo . . .
 Porém . . . que digno objecto!
 Cinge a seu niveo seio
 Porção, que he minha, e della;
 Que sendo a imagem minha
 Cobre de abraços, e amorozos bejos.

Ceos ! e que mais podieis
 Dar glorífico ao justo ,
 Que de benções c'roasseis ?
 Minha alma extaziada
 Mór dita não concebe ,
 Que, ver Lilia fiel , crendo-a traidora.

Assim de scena em scena
 Vagava a mente inquieta ,
 Quando a hum ruido estranho ,
 Que a alma toda me absorve ,
 A meus olhos se off'rece
 No vulto hum Numen , no atavio hum Genio.

Pendia-lhe dos hombros
 Luzente , eburnea cithara ,
 E da testa formoza ,
 Que immensa luz cercava ,
 = Toma = (me diz) tirando
 Duas de louro verdejantes c'roas.

„ Esta , que he minha , offerto
 Ao que rival do Cisne ,
 Que decantou Corina ,
 Hoje Marianna (1) exorna.
 Mas dize-lhe , que " aos Astros
 No desleixo , em que está , não pôde erguer-se.

(1) A Cidade de Mariana em Minas Gerais.

Estoutra . . . o Deus ta envia,
 Que no Permeso impera;
 Em Gnido a fabricara
 A amoroza Glicére;
 E se inda não contente
 De tantos mimos, e de veres Lilia . . . „

„ Quem és (aqui pergunto)
 Que a hum mortal . . . „ Não te assustes,
 Recebe, e guarda, e honra
 A offerta, que te faço.
 Gonzaga vês! Gonzaga,
 Que Minas assombrou, cantou Marilia.

Minha memoria, e nome
 Todo universo occupão;
 E pois os montes pizas,
 Que ella, inda viva, esmalta;
 Estes montes, que Jove
 Deu, que, por vê-la, meus Elizios fossem:

A ti, que me choraste,
 E que choraste vendo-a;
 Que de meus, e seus fados
 Te enterneçêra a historia:
 Voando a ti, requeiro,
 Que a amar Dirceo este prazer lhe outorgues.

De Lilia amante, e amado,
 Que della cantes, peço;
 Dizendo a Ovidio faça
 Pela que adora o mesmo.

Quanto me apraz, que volvão
 Por vós a Minas fortunadas Eras!

Por vós de novo ao mundo
 Voltão de amor exemplos;
 E Alvarenga, e Gonzaga,
 A Amor tão caros nomes,
 Quanto á Fortuna odiosos,
 Memorados por vós, saudade espertem. „

Disse; e clarão de raio,
 Aos atónitos olhos
 A vizão desaparece.
 Inda a vejo! e se póde
 N'hum sonho haver misterio,
 Desprenda Ovidio a doce voz, que ao longe

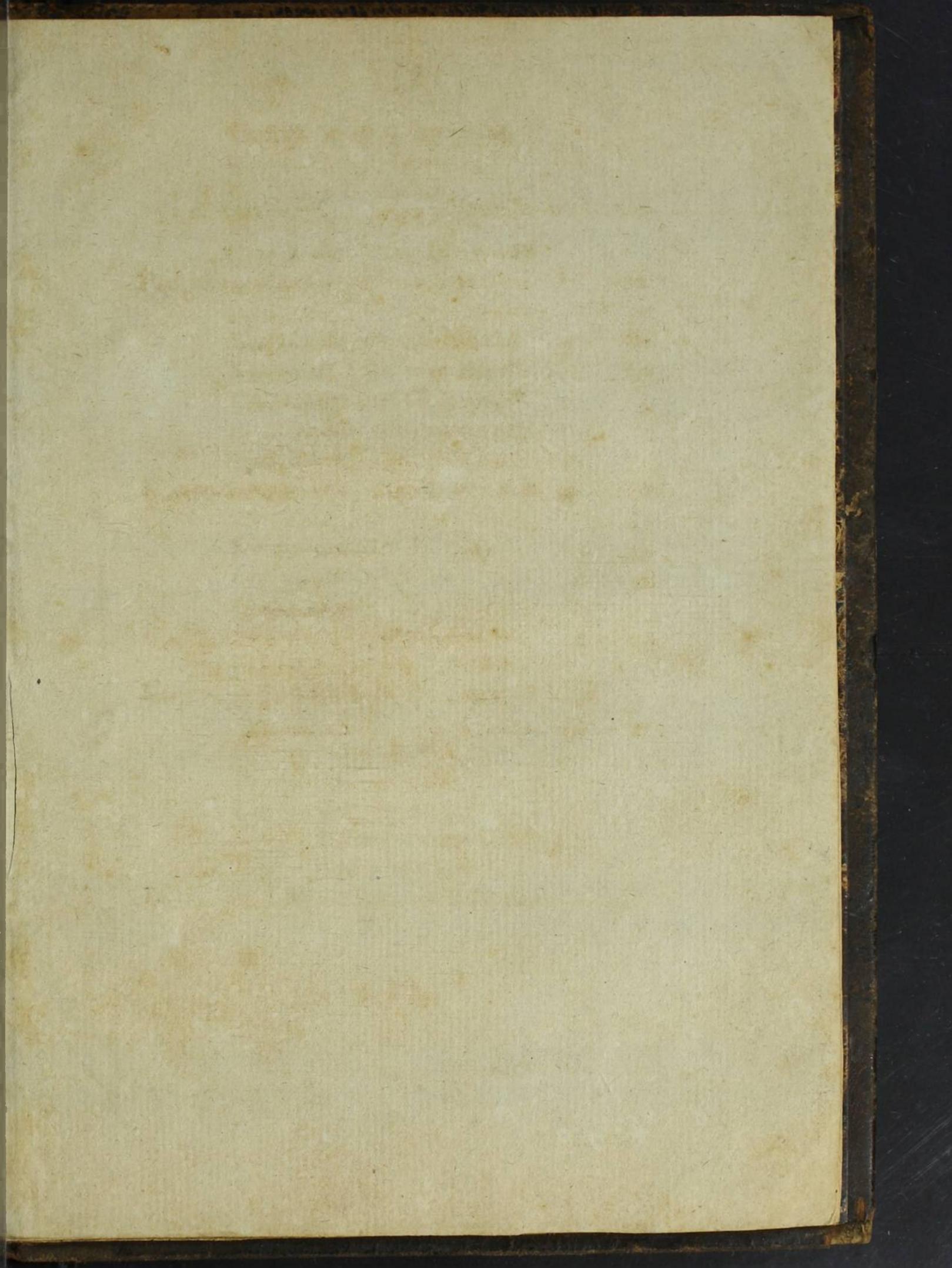
Eu seguindo seus vôos,
 Icaro novo aos orbes
 Me elevarei sem susto:
 E grato á Amor, e aos Deozes,
 Da Bella, que me encanta,
 Farei, que o Nome sobresaia á Morte.

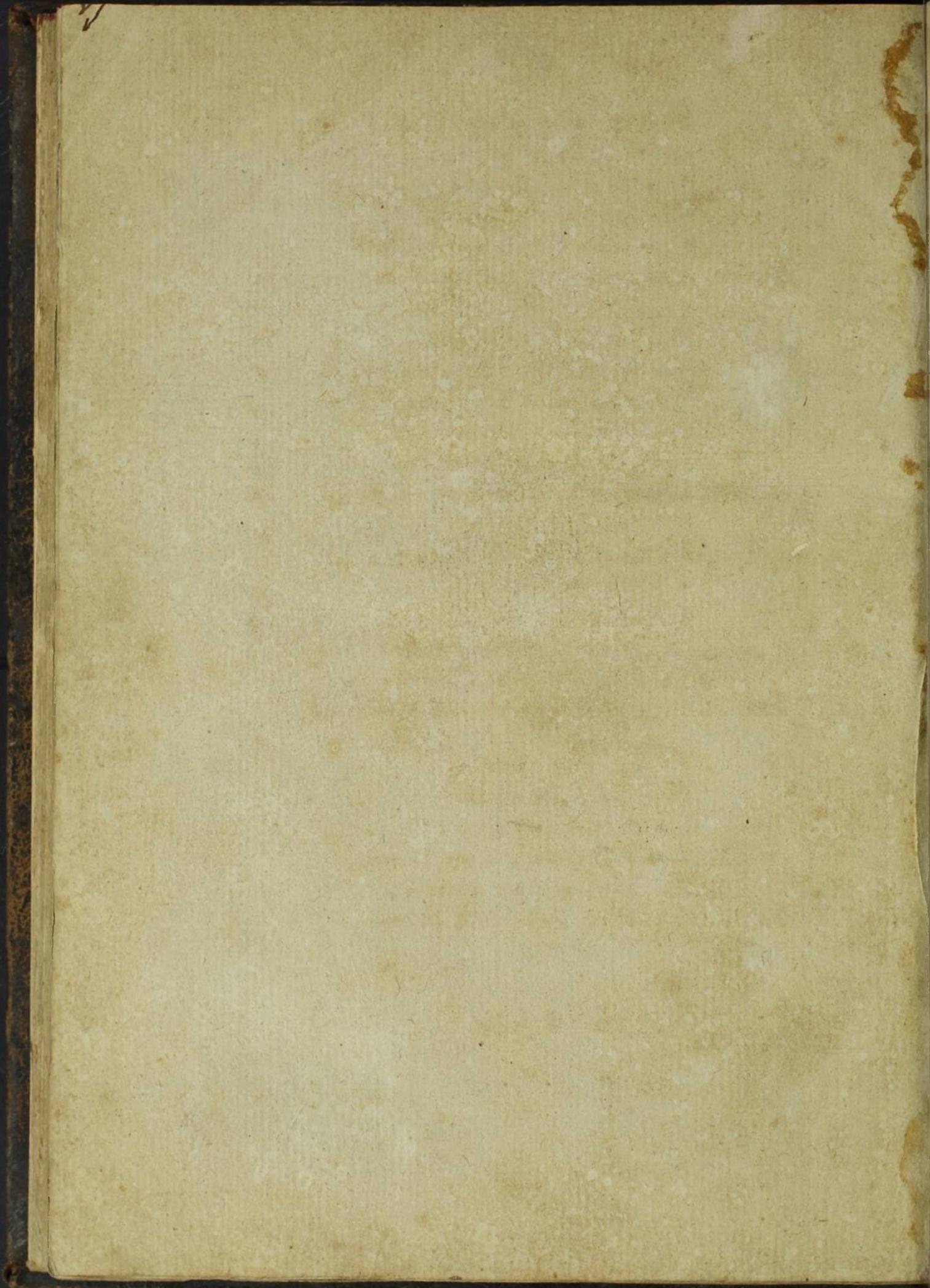
F I M.

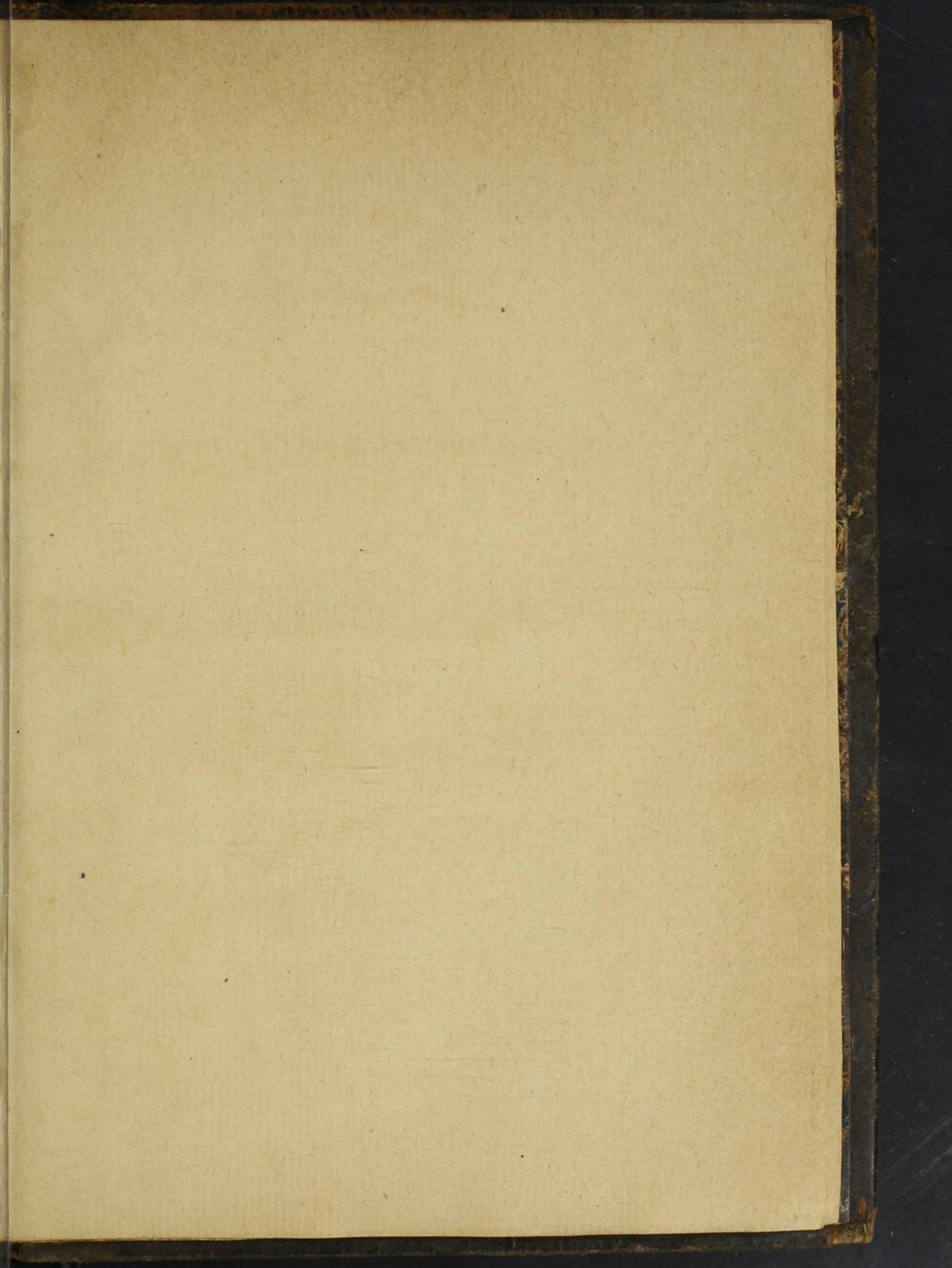
VII

ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Vers.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
1		de. A. R.	de S. A. R.
10	1	monumento	monumento.
16	5	mormurava	murmurava
18	5	Beneficio	Benéfico.
23	12	Honras-te	Honráste
51	9	Ministos	Ministros
51	17	gão	grão.
53	—	Soneto	* Soneto.
68	1	que esta alma	que est'alma adora
74	20	Jutso	Justo
83	16	supiro	suspiro
84	6	ergo	êrgo
92	6	altassem	saltassem
97	1	Vou de ti cogitar, Silencio , e Noite.	Vou de ti cogitar. Silencio , e Noite ,
111	6	contemplo	contemplo.







X 67

fide a. de cas
Brasil, Imprensa Regia

X etc.

no\$ 122,50

Enc. S. P.

Dr. Antunes Rebelo de Moraes.

001176

